

Letras e Artes

Domingo, 16-7-1950

SUPLEMENTO DE "A MANHÃ"

Ano 4.º — N.º 171

Em agosto de 1949 representou-se em Salzburg, perante público internacional, a nova ópera "Antigone", de Carl Orff. Depois, a obra apareceu em várias cidades européias; foi divulgada por grandes radio-emissoras; constituiu, no momento, objeto de discussões apaixonadas de músicos, escritores, diretores de cena e estudiosos em toda parte do mundo, enquanto em nosso Teatro Municipal ressoam as doces melodias de Massenet e Puccini.

"Antigone" é, como se sabe, a peça mais "atual" do repertório antigo. Só durante os últimos anos nada menos do que dramaturgos (entre eles um alemão, um francês, um austríaco) deram novas versões do conflito permanente entre lei humana e a lei divina.

Carl Orff preferiu porém a própria peça de Sófocles, embora na tradução só há pouco reeditada de Hölderlin, tradução em linguagem arcaica e meio hermética, carregada de sentido como o oráculo de uma divindade esquecida.

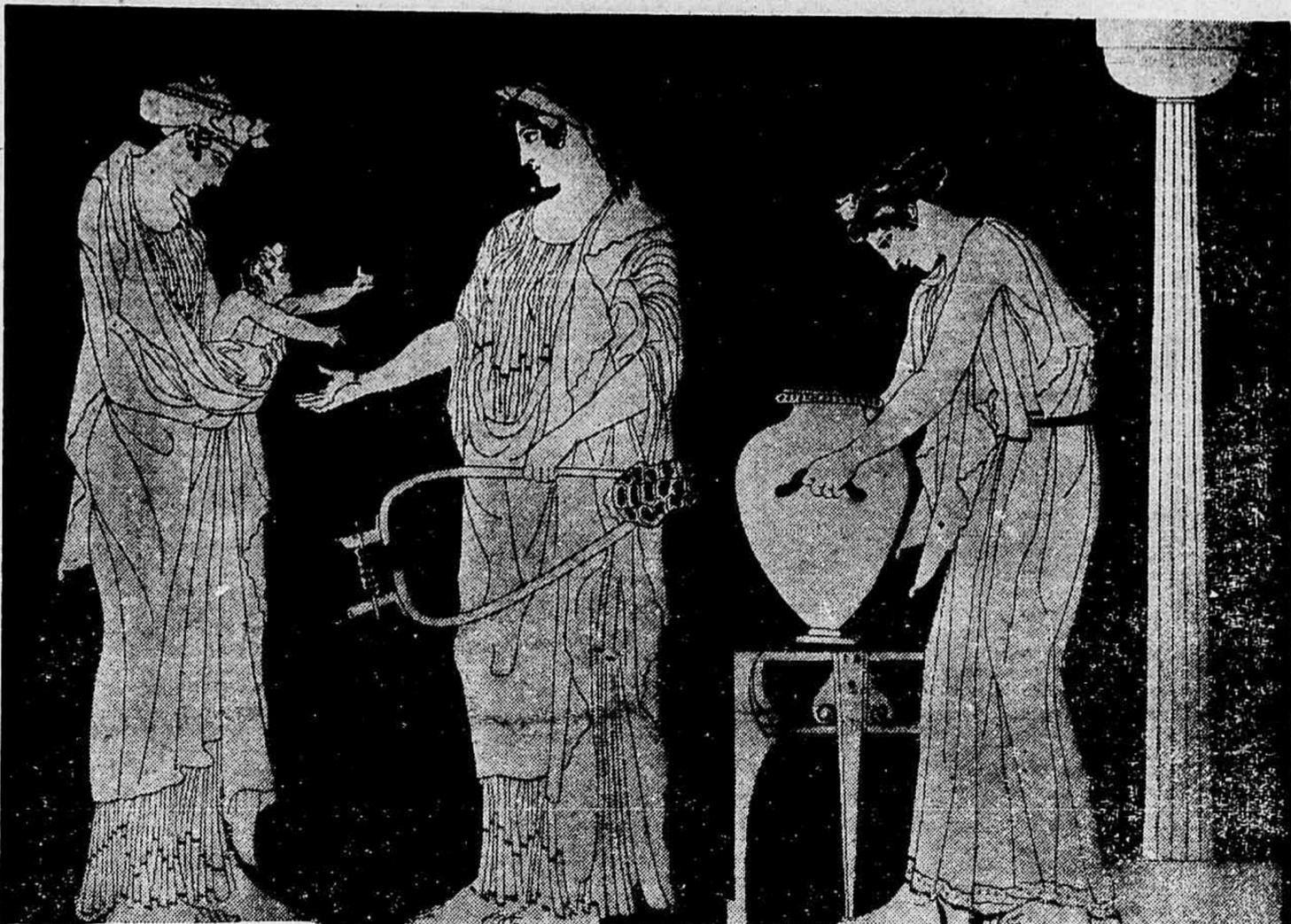
"Pôr em música", a maneira tradicional, esse texto seria impossível. Com efeito, Orff quis apenas acrescentar ao texto mais uma dimensão: a musical. Mais ou menos assim como fez Eric Satie em seu "Socrate".

As palavras de Sófocles-Hölderlin são declamadas de uma maneira que o próprio compositor chama de "mecânica de repetição", enquanto aos críticos ocorreu o termo "monomania rítmica": lembraram-se do cantochão gregoriano, de salmos murmurados na sinagoga; contudo, o ritmo não pode ser tão repetitivo assim, pois a canção final de Antigone é um bolero.

A singularidade da declamação musical corresponde a orquestra, certamente a mais estranha que já se ouviu em todos os tempos: 4 piano-fortes (tocados a quatro mãos), 6 contrabaixos, 3 harpas, 6 trombetas, 4 flautas, 6 oboés e, dominando o elenco, 15 tocadores de instrumentos de percussão, tambores, címbalos, xilofones, gongs — uma assembleia sinistra. Essa orquestra não pode ter funções melódicas nem harmônicas; na verdade, apenas serve para fortalecer os ritmos, para intercalar pequenos refrãos, para colocar sinais de pontuação. Não faz, como se poderia pensar, barulho; essa orquestra fala baixo, mas com obstinação marcada.

Quanto ao efeito, os críticos e os espectadores compreensivos estão de acordo: durante a representação, a música é ressentida como perturbando a compreensão do texto; mas quando este é relido, depois, os estranhos sons voltam irresistivelmente à memória, ligados para sempre às palavras. A "Antigone" de Orff não é uma ópera. É outra coisa, algo de novo ou então de muito antigo.

É uma das várias tentativas, em nosso tempo, de reconquis-



FESTA DO DIONÍSIO — "5 séculos antes de Cristo"

A MUSICA E O MITO

OTTO MARIA CARPEAUX

tar o teatro grego. São cada vez mais numerosas as traduções, versões livres, adaptações, imitações. Na França e na Alemanha, o "Agamemnon" de Esquilo e o "Edipo" e a "Antigone" de Sófocles já pertencem ao repertório. Na Inglaterra, representam-se constantemente as traduções de Eurípides, de Gilbert Murray. Já se representaram traduções assim e até as peças originais nos teatros antigos, bem conservados, de Orange, Siracusa e Delfi. O efeito foi poderoso. Mas faltava uma coisa da qual sabemos que o teatro grego nunca dispensou: a música.

Sabem disso os estudiosos há muito tempo. No fim do século XVI, um grupo de intelectuais florentinos empreendeu restaurar a antiga "tragedia com música": foi difícil, e quando o gênero novo-velho amadureceu — saíram "Don Giovanni"; "Tristão e Isolda", "Pelléas et Mélisande" e o "Barbiere di Siviglia". Teria um grego jamais pensado nisso? Mas já não é preciso entoar lamentações com respeito à incompreensão permanente (e inevitável) da Antiguidade pelos séculos. Pelo menos esta incompreensão acabou: em 1594, a "Dafne" de Jacopo Peri foi a primeira ópera; e enquanto se discute a natureza aristocrática ou então burguesa do gênero para explicar-

lhe a decadência, escreveu Ricardo Strauss, em 1940, outra "Dafne", talvez a última. A sobrevivência de uma rotina operística em nossos teatros líricos não significaria nada.

"Só no crepúsculo a coruja da Minerva levanta o vôo". Só em nossos tempos descobriram-se as origens da tragédia. Ainda há muita discussão, aliás: mas as teorias de Ridgeway, Pickard-Cambridge, Murray, Jane E. Harrison, Dawkins, Farnelle e mais outros concordam a respeito do ponto essencial: seja a tragédia a dialogação de ditrambos dionisiacos, ou então de elegias fúnebres, em todo caso sua origem é religiosa. Representa o mito. Apenas não explicam essas teorias por que a tragédia, depois de comêços obscuros e perdidos, entrou só como Esquilo na mais alta categoria literária, para — apenas uma geração depois — acabar com Eurípides, desaparecendo para sempre. Ao motivo religioso deve-se ter acrescentado outro qualquer que só existia durante o século dos três grandes trágicos, perdendo depois a razão de ser. Essa "outra coisa" é a interpretação do mito em sentido político.

O teatro ateniense é a representação do mito para efeitos

políticos. O que os atores realizaram foi um serviço litúrgico, mas os espectadores assistiram em função de membros da Assembleia Legislativa. Por isso, as mulheres estavam excluídas do teatro; e o Prêmio decidiu carreiras políticas. George Thomson interpreta a "Orestia" como representação da substituição do regime feudal pela justiça do Areopago. O sentido político de "Antigone" já foi esclarecido por Hegel. Com a discussão céptica das instituições por Eurípides acabou a tragédia, quando também acabou a República dos atenienses.

A descoberta, em nosso tempo, das origens religiosas e da significação política da tragédia grega só se tornou possível porque as tempestades ideológicas e políticas da época moderna derrubaram a imagem tradicional da Grécia, erigida pelos humanistas, de um Olimpo serenamente alegre. Burekhardt e Nietzsche já tinham descoberto a "face escondida", o aspecto noturno da Grécia. A estátua de Jupiter que domina a cena em "Les Mouches", de Sartre, tem "la face barbouillée de sang" — divulgação teatral dos novos conceitos de divindades bár-

bas de uma humanidade primitiva, por assim dizer sua. A psicanálise "despiu" a tragédia: apareceram a Electra e o Edipo de todos os tempos e do mito.

A renascença, em nosso tempo, da tragicidade grega é tentativa de voltar ao mito. Mas esse caminho para trás não pode ser palmilhado conforme as diretrizes racionalizadoras da psicanálise que pretende extirpar as raízes do mito. Só seria possível a volta através da mesma fase pela qual o mito passou para tornar-se tragédia: através da interpretação política. Nesse sentido, a luta entre a lei humana e a Lei Divina, na "Antigone" de Anouilh, Pemán e Brecht, não termina — como se suporia — com a vitória da Lei Divina e sim com a revelação da impotência trágica das criaturas em face da Ordem irracional do mundo criado. Só a derrota das instituições, em Atenas e entre nós, torna visível essa situação primitiva. Não seriam harmonias sonoras que acompanham essa revelação. 6 contrabaixos e 15 instrumentos de percussão e a poesia marmorea e confusa de Hölderlin, unidos pela monomania rítmica de um mecanismo de repetição, descrevem a situação do homem no Universo. Essa música é trágica.

Considerações sobre uma "Antologia de Contos de Escritores Novos do Brasil"

JOÃO GASPAS SIMÕES

E' HOJE FATO assente em Portugal que o romance brasileiro contemporâneo não só representa uma feição absolutamente original da literatura de além-Atlântico, emancipada de vez da influência portuguesa, mas também uma das inspirações mais visíveis de certa orientação moderna do próprio romance lusitano. Confesso que não aplaudo incondicionalmente todas as manifestações dessa literatura de ficção de que a obra de Jorge Amado é paradigma, nem muito menos esconderei que não considero benéfica a influência de tal "receita" quando como pura "receita" literária a vejo aplicada deste lado do oceano Atlântico. É evidente que o romance brasileiro tinha de seguir o rumo que seguiu. Não é a primeira vez que na história da arte e da literatura assistimos a um fenómeno desta ordem: à criação da expressão nacional de uma certa forma de arte ou de literatura mercê do abandono da tradição erudita e da aceitação deliberada das fontes populares. A poesia romântica portuguesa, se representa uma vitória sobre o formalismo ocioso das poetas arcaicas, é porque Almeida Garrett soube retomar, através do romanceiro, contato com a tradição perdida, isto é, com as próprias energias vivas do magma étnico nacional. Eis o que aconteceu, aliás, com a própria música eslava quando um Borodine, entre outros, se decidiu a procurar no folclore russo os temas e as formas em que veio a moldar a sua inspiração. Muito mais popular do que a própria poesia, não só na sua essência, mas também no fato de, hoje em dia, ter destronado todos os demais géneros literários, o romance, pelas suas mesmas características, realista como é, entre todos os géneros, é aquele que mais de perto lida com a linguagem da rua, a linguagem popular. Por isso mesmo, não podiam Machado de Assis ou Coelho Neto exprimir, em toda a sua verdade, nativa, a vida brasileira, a vida do povo brasileiro, sem excluir a da própria burguesia, uma vez que o estilo em que yazavam os seus romances, de nítida tradição portuguesa, não assentava na REALIDADE que as suas obras pretendiam pintar: a realidade nacional brasileira. Eis porque, quando lemos A TORMENTA ou DOM CASMURRO, posto sintamos na atmosfera aromas tropicais, apenas como exóticas essas obras se nos apresentam, não como estrangeiras — como genuinamente nacionais da pátria brasileira.

A NACIONALIZAÇÃO do romance brasileiro fez-se, como era de esperar, através de uma espécie de literatura que, confrontada com a de Machado de Assis ou de Coelho Neto, não pode deixar de assumir o aspecto de "regionalista". Do nordeste, especialmente, veio às letras do Brasil o acento genuíno do genuíno romance brasileiro. E se é verdade que Jorge Amado é um romancista urbano — da Bahia, especialmente — o certo é que a sua cidade, a cidade dos seus romances, não é a cidade da burguesia, mas a do povo — a cidade do negro. Quer isto dizer que o romance do Brasil NACIONALIZANDO-SE se regionalizou. Regionalizando-se, condenou-se, evidentemente, a um localismo popular até certo ponto incompatível com esse refinamento a que nos últimos tempos se abandonou o romance mundial, particularmente o europeu.

Ocorreram-me estas reflexões lendo a excelente ANTOLOGIA DE CONTOS DE ESCRITORES NOVOS DO BRASIL, obra editada pela REVISTA BRANCA, sob a orientação de Saldanha Coelho e precedida de um esclarecedor estudo de Otto Maria Carpeaux. O conto bra-

sileiro, muito menos conhecido em Portugal do que o romance, surge-nos nesta ANTOLOGIA, a qual, deliberadamente, se propõe ser um "documentário em que se reflita a posição atual" do mesmo conto, "documentário expressivo", como lhe chama o seu organizador, tanto mais expressivo quanto é certo ter obedecido ao propósito de reunir "representantes dos vários Estados do País" — surge-nos aqui numa das suas expressões mais completas. Ora a primeira impressão de conjunto que se nos fixou no espírito, ao fechar o belo volume, foi esta — de que o conto brasileiro é menos original do que o romance. E esta impressão, mal fundamentada de princípio, esclareceu-se depois, à medida que a reflexão interveio.

Contraste apreciável: o português é muito mais contista do que romancista. Sem me esquecer de que Machado de Assis, mestre do conto da língua portuguesa, é brasileiro, tenho de reconhecer que, mercê da sua descida ao humor popular, a literatura de ficção em terras do Brasil, nacionalizada, se afirma mais no romance do que no conto.

Será o conto incompatível com o "regionalismo" dominante da literatura de ficção do Brasil contemporâneo? Em Portugal, pelo menos, alguns dos maiores contistas — Teixeira de Queiroz, Trindade Coelho ou Aquilino Ribeiro — são de extração "regionalista". Todavia, o fato de o romance "regionalista" brasileiro ser moldado numa forma muito mais afim da epopéia do que da do romance propriamente dito, deve ter concorrido para afastar os romancistas do conto. E, no entanto, no romance brasileiro contemporâneo — basta lembrar JUBIABA ou MAR MORTO, MENINO DE ENGENHO ou PUREZA — abundam os germens do conto.

Diz Otto Maria Carpeaux no seu pertinente prefácio: "A concisão constitui dificuldade séria, obrigação de concentrar em uma cena só um drama inteiro". E acrescenta: "Talvez a arte de contista esteja mais perto da do teatrólogo do que da arte do romancista". Eis o que me parece extremamente acertado, tanto mais acertado

quanto é certo uma tal observação encerrar em si elementos capazes de nos explicar o significado que pode ter o fato de o escritor brasileiro contemporâneo se exprimir melhor no romance do que no conto.

Com efeito, uma das características do romance brasileiro contemporâneo — refiro-me, especialmente, ao romance com tendências "regionalistas" — é traduzida pelo predomínio nele das vozes poéticas. Insistentes e por vezes monótonas repetem-se, em alguns dos romances de Jorge Amado, as notas que acabam por criar a atmosfera em que as suas personagens respiram. Não há propriamente estrutura dramática nestes romances feitos para agir sobre o leitor como o velho berço de baloiço sobre o sono dos bebés. Ora segundo Otto Maria Carpeaux, e a generalidade dos escritores que antes dele tentaram definir a estética do conto, a arte do contista é feita de concisão, está mais perto da arte do teatrólogo do que da do romancista. Eis quanto basta para se compreender que os escritores fadados para criarem ambiente poético graças ao baloiçar insistente de elementos de ordem soporífica não são os mais recomendados para utilizarem uma técnica narrativa em que a concisão é norma e o drama essência, embora, reconheçamo-lo, a poesia seja antes elemento do conto do que do romance. Se lançarmos a vista a este significativo volume antológico, teremos ocasião de observar que alguns dos seus melhores contos não só são narrados na primeira pessoa, mas também desenvolvidos à maneira memorialista ou confessional. Embora me não pareça esta a forma recomendável para se escreverem perfeitos contos, isso não impede que as narrativas feitas neste estilo se me afigurem, entre as reunidas na Antologia em questão, as que melhor aí se encontram. Estou a lembrar-me, por exemplo, de Albertino, de Fran Martins, de Os mortos, de Lygia Fagundes Teles ou de O legado, de Herly Drumond. Que quer isto dizer? Que os contistas brasileiros, perdida a tradição do conto realista, em que foram mestres Machado de Assis, Coe-

lho Neto ou Monteiro Lobato, conto onde a concisão e o drama eram obtidos por processos não propriamente poéticos, mas estilísticos, estilização a história, estilização a expressão (estilização, entenda-se, no sentido em que pode considerar-se estilização a redução às linhas essenciais, seleccionados os contornos de uma narrativa), no regresso à forma confessional, por ser a mais facilmente dominável pelo escritor, procuram readquirir o equilíbrio que o conto perdeu em terras do Brasil. Assim me parece, pelo menos, pela leitura desta Antologia. Mas outra observação devo fazer ainda: que os temas de alguns dos melhores contos deste volume não são de modo, alguns populares, pelo contrário, são antes burgueses, da classe média. E se é certo cantarem-se entre eles alguns belos trechos de tema "regional" — A pedra do coronel Fulgêncio, de Dirceu Quintanilha, Céu limpo, de Eduardo Campos, Um pedaço de chão, de Francisco Brasileiro — no entanto, o seu "regionalismo" é mínimo, muito longe do característico "regionalismo" dos melhores romances brasileiros. Aliás, o próprio Otto Maria Carpeaux, reconhecendo que o influxo da irradiação universal da arte de uma Katherine Mansfield — "em vez da anedota divertida ou melancólica, a crônica poética" — a que o conto do Brasil não é isento (lembro-me de A mão e o destino, de Oléa Malheiros, ou O baralho, de Da Costa e Silva Filho, páginas entre mansfieldianas e surrealistas) — tende a desaparecer, conclui que o conto brasileiro "está-se aproximando, por outro caminho, pelo mesmo que o romance brasileiro percorreu: o da aproximação gradual e cada vez mais íntima à realidade do povo".

Eis o que confirma a minha sugestão. Os contistas do Brasil ainda não percorreram o caminho que os romancistas já fizeram: os seus contos ainda não atingiram o nível genuinamente nacional do seu romance. Estão a aproximar-se dele? Diz Otto Maria Carpeaux que sim, mas, em minha opinião, esta Antologia ainda não confirma tal vaticínio. Se um dos mais belos contos nela compli-

lados é um conto nitidamente da classe média — conto quase realista na sua forma — Padrão G., de José Carlos Cavalcanti Borges, um dos "maiores poéticos" nela reunidos é Isaura, obra de Ledo Ivo, um poeta, e este também nada deve à lição popular do romance brasileiro.

Sem grande receio de errar, ousarei dizer que em verdade o conto brasileiro não adquiriu ainda, nem me parece a caminho de adquirir a originalidade que o seu romance conquistou. E' isso, pelo menos, que nos mostra a leitura da Antologia de contos de escritores novos do Brasil. E se nos lembrarmos que José Lins do Rego, Jorge Amado ou Graciliano Ramos não se notabilizaram pelo conto, mas pelo romance, reforçaremos a impressão inicial — que a forma de originalidade do romance brasileiro, o seu fundo popular, não é favorável ao florescimento do conto. Não creio que a concisão a que chegaram os melhores contistas norte-americanos — um Hemingway ou um Steinbeck — seja compatível com a forma de espírito, entre embaledora e divagativa, do genuíno romancista de índole popular ou "regionalista" do Brasil. Para que o conto se aparte dos moldes criados por uma Katherine Mansfield — moldes esses em que a narrativa, como muito bem diz Otto Maria Carpeaux, revela "num instantâneo um destino inteiro" — seria preciso que os contistas do Brasil viessem a conciliar o seu feito naturalmente lento e decorrente com a brevidade e a concisão que a arte do conto requer, por mais poético que este seja. Conto íntimo, conto em que as personagens são vistas de dentro para fora, mergulhadas num meio de uma transparência aquática, o conto ainda hoje herança da arte de uma Mansfield só pode bem exprimir "dramas" de uma humanidade evoluída. Ora se o conto brasileiro, como espera Otto Maria Carpeaux, se está a orientar pela rota do romance de índole popular — o genuíno romance brasileiro — isso só quer dizer que se está a afastar dos meios humanos evoluídos. Voltado para os temas populares, lidando com uma humanidade de rudimentar psicologia, uma vez que o ritmo da vida de povo brasileiro é lento e os seus dramas mais sociais que pessoais, esse ritmo lento e essa vida exterior, transportados para o conto comprometem a própria natureza de uma arte em si mesma rápida, instantânea, concisa, e além de rápida, instantânea e concisa, interiorista, íntima, psicológica. E assim se explica que alguns dos contistas brasileiros que mais perto se me afiguram da essencialidade do conto não sejam os que com mais felicidade cultivam essa arte. Subjetivos, em vez de psicológicos, vagos em vez de íntimos, ei-los que se mostram incapazes de cumprir o preceito que Carpeaux atribui ao mesmo conto — a expressão de um "destino inteiro" num breve e passageiro instante.

Muito bem pode ser que estas minhas considerações sejam completamente erradas. Se o são, a responsabilidade cabe, em grande parte, à Antologia de contos de escritores novos do Brasil, se bem que no próprio título desta obra se descortine já como que uma advertência ao leitor, advertência esta reforçadora do ponto de vista que sustento. E' de "escritores novos do Brasil" que se compõe a referida Antologia, não de "contistas novos do Brasil". E isto parece querer dizer que a qualidade de "contista" não é no Brasil qualidade caracterizadora de uma profissão ou de uma vocação, quando o que é certo é raramente um bom contista poder dar provas capazes em qualquer outro género que não seja o mesmo conto.

CURIOSIDADES LITERARIAS

Uma observação de Papini

Um ensaísta plúmbeo lamentava-se diante de Papini do grande número de escolas literárias que acenam hoje às predileções dos jovens escritores.

— Hoje todo mundo é pai de alguma doutrina.

— Tem razão — respondeu Papini — precisamos de menos pais e mais filhos.

Hemingway faz trocadilhos

Ernest Hemingway, que acaba de retornar aos Estados Unidos, depois de uma longa permanência na França e na Itália, onde terminou seu próximo romance "A beira do rio, sob o arvoredor", dizia a um amigo, o jornalista Leonard Lyons:

— Mary (é a quarta esposa do romancista) quebrou duas vezes a perna, o que atrapalhou todas as minhas

férias. Os franceses dizem que se deve perdoar uma mulher que cai... Mas não no "ski".

Um móvel fatigado

Por ocasião da recente visita de Henry Miller a Hollywood, foi ele convidado para um chá no apartamento de uma estrela muito conhecida pelos seus múltiplos divórcios. E como o autor de "Sexus" a cumprimentasse pelo bom gosto do seu excelente "living-room", ela respondeu:

— É um móvel antigo. Essa poltrona data do meu primeiro marido.

Sacha Guitry e o curandeiro

Tendo sido recentemente acometido por uma enfermidade, Sacha Guitry viu-se obrigado a recorrer a um curandeiro, a conselho de um amigo que dizia maravilhas do homem.

— O senhor nunca teve ne-

nhum processo por exercício ilegal da medicina? — perguntou Sacha Guitry ao curandeiro.

— Não — respondeu este — porque também sou médico. Mas peço-lhe por favor, não diga nada a ninguém: minha reputação sofreria muito com isso.

Os ratos de casa

Um comprador de quadros, já conhecido pela sua pouca honestidade, visitava um solar na província francesa, onde havia vários e valiosos "Cezannes". Discutindo com a sua dona a compra dos mesmos, esta já sabendo com quem lidava, não quis transigir na proposta.

— Mas — observava-lhe o homem — a senhora poderá acabar perdendo esses quadros; os ratos o levarão.

— Não tem importância; eu prefiro os de casa...

DOLAR, COCA-COLA E FUTEBOL 3 COISAS POPULARES NO MUNDO

Interessantes declarações do Presidente da Academia Brasileira de Letras, sr. Gustavo Barroso, a "LETRAS E ARTES", a respeito da viagem que acaba de empreender pela Europa e pelo Oriente — Trouxe o ilustre escritor, da Grécia, um galho da oliveira, de cerca de 25 séculos de idade, sob a qual meditava Platão — Interrogando a Estíngie sobre a sucessão presidencial



A idéia da presente entrevista de "LETRAS E ARTES" com Gustavo Barroso — que acaba de retornar da Europa e do Oriente — nasceu de um almoço na ABI, onde se reunem, com frequência, escritores e jornalistas. Vemos, na fotografia acima, Gustavo Barroso, em companhia de Josué Montelo, Olegário Mariano, Lopes Rodrigues (de costas) e do nosso companheiro Jorge Lacerda.

A IDEIA da entrevista com o acadêmico Gustavo Barroso, que ora acaba de voltar da Europa e do Oriente, nasceu de uma dessas inabituals conversas, à hora do almoço na Associação Brasileira de Imprensa.

No dia seguinte, de sua chegada, contava o sr. Gustavo Barroso, presidente da Academia Brasileira de Letras, passagens curiosas de sua viagem, numa roda em que estavam o acadêmico Olegário Mariano, prof. Lopes Rodrigues, Josué Montelo e o nosso companheiro Jorge Lacerda. "LETRAS E ARTES" resolveu colher do ilustre patriótico:

"A minha viagem ao estrangeiro pode ser dividida em duas partes: a primeira nos países cristãos, ou, melhor, católicos do Mediterrâneo; a segunda, no extremo oriental desse mar, in partibus infidelium, como se dizia em outros tempos."

UMA CONFERENCIA EM PORTUGAL

"Fui a Portugal a convite da Universidade de Coimbra, onde pronunciei, na histórica Sala dos Capelos, uma conferência sobre a "Presença do Brasil na Literatura do Renascimento". Deu-me o Governo Português a honra de me considerar hospede oficial e cumulo-me de generosas atenções. Meus eminentes amigos Drs. Fernando Pires de Lima, Ministro da Educação Nacional, o Julio Dantas, Presidente da Academia de Ciências, de tal modo me acolheram e homenagearam que me tornaram verdadeiramente cativo por tamanhas gentilezas. Recebi em Portugal uma consagração que não merecia e que somente atribuo ao amor daquele país por tudo quanto é brasileiro e à admiração que nele existe pelas instituições culturais que eu representava.

PORTUGAL — O PAIS CAIADO

"Portugal é, na Europa, o País Caiado, o país em que se caem as cascas e os muros em que tudo é branco, claro, limpo. É um jardim. Terra de segurança, de ordem, de bem estar, onde nas coisas, nos homens, em tudo se sente a marca da dignidade. Ali há respeito, compostura, medida, trabalho, disciplina e sobretudo educação. Nenhum outro país conhece que se lhe compare.

Fui oficialmente recebido na Academia das Ciências de Lisboa, saudado pelos meus queridos e eminentes amigos Julio Dantas, Queiroz Veloso e Damiano Peres. Respondi-lhes com um discurso de exaltação da lusitanidade. Na Academia Portuguesa da História pronunciei uma conferência sobre "A morte dos Deuses". Deveria ir ao Porto, a convite da Universidade local, a fim de fazer outra conferência, mas, infelizmente, um forte ataque de gripe me privou desse prazer.

VISITA A ESPANHA

De Portugal — continua o sr. Gustavo Barroso — passei à Espanha, outro oásis de ordem, disciplina e trabalho fecundo na Europa atual. Ali fui recebido na Academia Espanhola, sob a presidência do Duque de Alba, para a qual havia sido ultimamente eleito.

Do mesmo modo que fizeram o Marechal Carmona e o dr. Oliveira Salazar em Lisboa, recebeu-me o Generalissimo Franco em audiência especial no Palacio do Pardo. Já estive eu com S. Excia. em 1947, durante a Assembléa Cervantina de Madrid, na qual representei o Brasil. Deu-me o Caudillo a honra de conversar sobre os problemas do mundo atual, sobre os quais está otmamente informado. O Chefe do Estado espanhol conserva seu alto espirito sempre vigilante na intransigente defesa da civilização cristã contra o comunismo.

Tenho a impressão nítida de que a Península Iberica, Portugal e a Espanha, defenderão

até a morte o cristianismo contra o materialismo soviético."

IMPRESSÕES DA ITALIA

"Encontrei a Itália — observa o presidente da Academia Brasileira — cheia de peregrinações e vibrando uníssona de catolicidade no Ano Santo. Pode observar e intenso labor do povo italiano para a reconstrução de sua nobre pátria ferida pela guerra. Há abundância de tudo, os campos estão cultivados, as estradas em boas condições e os edificios bom-

bardeados em reparos. Não me limito a ficar somente em Roma. Estive em Nápoles, Capua, Viterbo, Ostia, Castia, Assis, Perugia, Orvieto, Siena, Florença, Ravenna, Veneza e outras cidades, em toda parte verificando que se trabalha e se recupera o que se perdeu.

O MAJESTOSO CERIMONIAL DA CANONIZAÇÃO DE SANTA MARIA GORETTI

"As comemorações do Ano Santo têm sido deslumbrantes, sobretudo as canonizações na

Basilica de S. Pedro, nas quais a pompa da liturgia nos deslumbrava. Depois de ter sido pessoalmente recebido pelo Santo Padre, que fala a nossa língua e nos causa profunda emoção pela sua espiritualidade, assisti à canonização de Santa Maria Goretti na basilica de S. Pedro, com uma pontifical cantada em latim e grego. Majestoso cerimonial. Testemunha daquela cena no local da tribuna da Aoademia Pontificia que me havia sido reservado, eu pensava na entrevista do infeliz La-

JOÃO GASPAS SIMÕES E O FILHO DE EÇA DE QUEIROZ

TEM causado estranheza, de certo, a muita gente, a maneira agressiva com que o sr. António d'Eça de Queiroz vem reproduzindo, num matutino cartão, o livro que acaba de escrever em desafronta à memória de seu pai. Ora, o seu pai é, como todos sabem, o grande Eça de Queiroz, uma das maiores figuras da literatura portuguesa, cuja consagração já passou para o rol das coisas definitivas. Muitas biografias críticas do autor da "Reliquia" apareceram, há alguns anos, por ocasião do seu centenário, e entre elas, a do ilustre crítico João Gaspar Simões, que realizou um trabalho exaustivo, analisando, sob todos os aspectos, a vida e a obra do grande romancista.

Quando um escritor atinge o plano da glória, todo mundo sabe que deixa de pertencer à família, e aos biógrafos assiste o direito de investigar-lhe a existência, e focalizá-la, mesmo nos detalhes mais íntimos, sempre que se tornarem indispensáveis ao conhecimento exato do homem. Eça de Queiroz, que passou à história, pertence hoje aos biógrafos, aos historiadores da literatura. Precisamente, João Gaspar Simões surgiu como um dos biógrafos



João Gaspar Simões

mais minuciosos, lúcidos e honestos do autor dos "Mauis". Se o sr. Antonio d'Eça de Queiroz não concordou com este ou outro ponto, ninguém lhe

nega também o direito de replica, de apresentar provas em contrário, que o público julgará convincentes ou não; o que nos parece descabida é a virulência com que ele exorbita semelhante direito, querendo impor limites à liberdade da critica, condicionando-lhes os julgamentos do critério das famílias dos grandes mortos.

Para os descendentes de um homem célebre pode ser desagradável a revelação de certos aspectos humanos do mesmo. Nisto residirá, porém, um dos percalços irremovíveis da glória. Se os biógrafos e historiadores — excluindo-se evidentemente o espirito de má fé e escândalos, forem preocupar-se com tais melindres, jamais conseguirão desobrigar-se da respectiva tarefa, que é a de focalizar a verdade. E não se poderia mais se escrever sobre Balzac, Flaubert, Verlaine, tantas outras criaturas geniais, que tiveram e terão fraquezas humanas.

O sr. António d'Eça de Queiroz chega tarde com os seus protestos trancudos. A grandeza indiscutível de Eça de Queiroz já os superou, e há muito.

val com Estaline, quando aquele enumerou as forças contrárias ao comunismo ateu, entre as quais, o Papa, e este lhe fez a pergunta idiota:

— Quantas divisões tem o Papa?

Pois ali o Sucessor de S. Pedro, em nome do Cristo, consagra uma Santa. A mãe dessa Santa assistia à cerimonia e o homem que assassinara aquela santa, arrependido e contrito, jazia em Ascoli, reagando como penitente no fundo dum convento. Que outra religião capaz de tais milagres de santidade, de arrependimento e de perdão? E o Pontífice que a representava tinha em si uma sucessão apostolica de quase 2 mil anos, a qual vira, impavida na sua eternidade proclamada pelo Cristo, se esbarrandarem todos os imperios do mundo, desde o Romano ao de Hitler. Quantas divisões tem o Papa? Ah! o Papa não precisa de divisões que o seu Reino não é, como o de Estaline, deste mundo, mas daquele onde os Estalines só penetrarão se se arrependerem e penitenciarem como o assassino de Santa Maria Goretti, a martir da pureza...

VISITA A GRECIA

"De há muito alimentava eu o desejo de ir à Grécia e de subir os degraus da Acropole. Realizei-o. Vi com meus olhos a Helade e me sentei nos degraus do Partenon, percorri as ruínas de Eleusis e consegui arrancar um galho da oliveira sob qual meditava Platão e conta 25 séculos, a qual, protegida por um gradil e um letreiro oficial, fica a meio caminho de Atenas a Dafni. Possui a Academia Brasileira um ramo do famoso Carvalho do Tasso, que se ergue no Janículo, em Roma, trazido, se me não engano, por Olavo Bilac. Quero doar-lhe agora um da oliveira de Platão, que é bem mais antiga, que é decerto a mais velha arvore do mundo.

Vi ainda a baía de Salamina, onde os persas foram derrotados, e Iliuss cantado por Homero e o Himeto, cujo mel foi celebrado na poesia antiga. De avião sobrevoei Corfú, Itaca, a ilha de Ulisses e Penelope, Corinto, a Eubeia e Lesbos.

NA TURQUIA

Cheguei ao aeroporto de Atma na Turquia europeia em manhã de muito sol e sob essa luz contemplei as verdes e cultivadas campinas que rodeiam a cidade de Constantinopla pelas quais chegaram até seus muros, ainda de pé e arruinados, os conquistadores otomanos em 1453.

A Constantinopla oriental, carnavalesca, cheia de cães vadios e de bazares pintorescos pintada por Amices, Gautier e Loti não existe mais. O Atatürk Kemal Pacha occidentalizou-a. As tabuletas são em letras latinas, as mulheres não usam véus e não se vê um turbante ou um fez, nem para amostra. Mesmo no bairro do Beyogen, a antiga Pera, numa praça moderníssima, se ergue um monumento com figuras humanas de bronze que contrariam as prescrições anti-ídólatricas do Corão. Todavia os esguios minaretes das mesquitas continuam perfilados no céu azul entre o decrepito casario de madeira da velha Istambul. E a maravilhosa mesquita do Sultão Ahmet é um sonho de pedra azul entre o azul do céu e o azul do Bósforo.

POUCO RESTA DA VELHA BIZANCIO...

Da velha Bizancio pouco resta. Colunas tombadas. Pedras esquecidas. A igreja de Santa Sofia, gloria arquitetural de Antemio de Trales, agora transformada em museu. Nos jardins de Op Hané, na ponta do Serralho, dormem entre o arvoredo, dos canhões de bronze das antigas guerras, as grandes bombardas de Maomé II, patinadas de verde, com vers-

(Conclui na 8.ª pag.)

POESIA ACIMA DE TUDO

LYGIA FAGUNDES TELLES

HA três temas máximos no momento, três verdadeiros polvos sugando vorazmente a atenção do publico: a copa do mundo, a guerra na Coréia e as próximas eleições. Em torno desses centros, giram vertiginosamente centenas de mil pequenas notícias que agitam tremendamente a cidade, jorrando como uma fervilhante caudal em todos os jornais, transbordando nas estações de rádio, descendo sófrega para as ruas e entrando pela porta a dentro dos mais distantes e silenciosos lares. A vida desfila trepidante nas grandes letras das manchetes e nas vozes dos rádios metralhando os acontecimentos. Não há tempo a perder: ladrões internacionais "batem" carteiras a longa distancia, aviões passam baixinho atirando coisas, um futuro heroi de guerra faz seu afobado "debut" nas edições extras, mortos cobrem o chão da planície de Osan, retratos de candidatos cobrem os postes da Avenida Rio Branco, "A Divina Comédia" é condensada numa história em dez quadrinhos, um cientista notável inventa uma máquina que reduz um porco inteiro a uma pilula rosada sobre a qual bastará espremer um pouco de limão...

Como que impulsionados por uma terrível velocidade inicial, os séres vão indo todos de roldão, aos trambolhões, como esses brinquedos de corda quando postos em movimento. Há quem sonhe às vezes com a solidão dos campos, há quem se lembre do quanto a vida pode ser tranquila e bela quando em contacto com a natureza. Mas ninguém consegue se afastar da voragem, é preciso ficar rente; já as crianças de Sertãozinho tinham razão quando substituíam os que se ausentavam dos

Jogos: "Quem foi pra Portugal perdeu o lugar!"

"Não, não há tempo a perder" — é o dístico que todos parecem ter gravado na testa. "Não há tempo a perder com as artes que devem ser banidas como as coisas mais inúteis da face da terra", avizam os editores e livrelros falidos.

E' por isso que numa época assim, chega a nos enternecer o lançamento de livros, mormente livros de poesia — o mais recusado de todos os géneros. E' por isso que chega a nos enternecer um livro como "Preságio", que brota à tona de todo este caos assim como uma flor, simplesmente, sem outra função que a da própria beleza.

Essa estréia de Hilda Hilst, jovem universitária paulista, reveste-se de marcada importância no cenário da nova poesia brasileira. Repito o nome: Hilda Hilst. Será o de uma grande poetisa.

Seus versos são limpidos e puros, desataviados e espontâneos, sem aquele "lavor de joalheiro" que, segundo Sergio Milliet, "parece constituir a preocupação maior de alguns poetas da nova geração". Não busca a poetisa a imagem preciosa, o ritmo requintado, que não raras vezes se perde num lamentavel pedantismo. Não há nela o cálculo intelectualizado, esse rebuscamento de frases, metáforas e imagens que por serem repetidamente pre-

meditadas a frio, acabam por aniquilar a mais eloquente emoção. Não faz da poesia um malicioso jogo de palavras para impressionar apenas, para causar efeito, um efêmero e superficial efeito. Sua sensibilidade aguda dirige-a e assim, com uma certa candura, ela se deixa levar liberta das amarras formais. Não é uma artesã mas sim uma artista a autora destes versos:

"Me mataria em março
se te assemelhasses
às coisas perecíveis.
Mas não. Foste quase exato:
doçura, mansidão, amor, amilgo."

Introspectiva e avaramente pessoal, em alguns dos seus mais belos motivos poéticos, lembra-nos um pouco Cecilia Meireles. E' a poesia do abandono e do desconsolo. Não há revolta: há, isto sim, uma magoada e irremediavel aceitação:

"Ritmo colorido
dos meus dias de espera,
duas, três, quatro horas,
e os teus ouvidos
eram buracos de concha
retorcidos
no desespero de não querer
[ouvir].

Me fizeram de pedra
quando eu queria ser feita de
[amor]."

Dos seus temas preferidos, amor e morte, tira a poetisa efeitos novos, impregnados de um suave sópro lírico. Não lhe

peçam, porém, o admiravel virtuosismo estético que há na poesia de um Péricles Eugênio da Silva Ramos, por exemplo. Não; apenas uma poderosa e veemente necessidade de expressão sentimental é que alimenta e conduz sua inspiração. Embora ainda não tenha atingido uma plena maturidade poética que só mesmo o tempo lhe dará, embora algumas das suas poesias ainda possuam aquele apressado e excitante sabor dos frutos verdes, em nenhuma delas há, no entanto, essa indistinctível timidez que caracteriza os que se iniciam. Independente e decidida, Hilda Hilst escolhe seu caminho e avança, atingindo com aguda sensibilidade e intuição as verdades mais altas. A poesia do desânimo, do cansaço — que é a fonte de inumeros lugares comuns praticados por inumeros poetas — encontra nela uma face diferente.

"Tenho preguiça
pelos filhos que vão nascer.
Teremos que explicar tanta
[coisa a tantos deles.
Um dia há de me perguntar
tudo o que perguntei.

Nunca se lembrarão
daqueles que já morreram
e procuraram tanto.
Vão custar (ó deuses)
a entender aqueles
que se mataram.

Os filhos que vão nascer...
Insatisfeitos.
Incompreendidos."

Momentos há em que o pavor da morte a conduz por caminhos sombrios; mas não são caminhos mórbidos, dessa fácil morbidez que tantas vezes tem sido explorada em prosa e em verso e que por isso mesmo tornou-se irremediavelmente vulgar. Queixa-se do medo que sente do dia em que as plantas, brotando sobre seu corpo, acabem por enterrar as raízes nos seus dedos. Mas afinal termina sempre se libertando desta obsessão materialista e daí predominar em todo seu livro o desejo instantâneo da volatilização absoluta, do grande vôo iluminado e pleno:

"Estou viva
mas a morte é musica.
.....
Estou morta
mas a morte é amor.
.....
Alguns dias mais e serei musica.
Serás a meu lado a nota dissonante."

São Paulo — que nos tem dado ultimamente poetas que são autênticos valores da chamada nova geração, poetas do quilate de Geraldo Vidigal, Décio Pignatari, Péricles Eugênio da Silva Ramos, André Carneiro, Jamil Almansur Hadad, Reinaldo Baira, Domingos Carvalho da Silva, Tavares de Miranda, Ciro Pimentel e outros cujos nomes não nos ocorrem no momento — São Paulo manda-nos agora um novo livro de poesias magnificamente ilustrado por esse jovem e admiravel desenhista que se chama Darcy Penteado.

Acima do agitado cenário esportivo-belicoso-político-social, paira a poesia intocavel e pura. Bem-vinda seja Hilda Hilst, sua legítima e mais recente representante.

baixo do meu chapéu, Rambrandt; meu casaco é também preto; pretos por sua vez, meus sapatos de verniz reluzente. "Cabelos negros oprindo as faces pálidas. Um comprido nariz adunco de Valois. E, com um certo ar de malícia, tenho uma impassível arrogancia.

"Sorriso falso, olhar sincero (permitam voces uma natureza assim) e tenho um jeito de quem está mastigando um pedaço de pau, quando converso com um companheiro desleal. "Em frente a Saint-Germain-l'Auxerrois, a minha sombra nos degraus da igreja, contemplo, às vezes, o Louvre melancolizado pelo sol poente.

"Gostaria muito de ser rei, um Luiz XIII qualquer, bem fatal. E' muito perspicaz quem descobre em mim um poeta sentimental.

"Deus entretanto, me deu um coração, a mim como a todos os outros. Divertiu-se, o Senhor, em colocar limalha no espelho.

"Faço vibrar todas as líras. A alma humana é a minha religião. O ouro se mistura, nas minhas reflexões, ao sangue, às rosas e a Shakespeare..."

Será que como queria Maurice Maeterlinck Paul Fort é "o unico poeta integral que possuímos"? Com mais moderação, podemos avançar que ele é um descendente de Ronsard, de La Fontaine e do pai Hugo. O que não é de todo mau. Ele proprio consignou estas linhas. "Poeta, sou. Unicamente poeta. Falando de outro modo, sonhador, criador, consciente e, sobretudo, deus criando, deus sonhando. E um dos mais criadores e sonhadores do planeta". Não foi ele quem se chamou "arvore de poemas"?

"Uma arvore de poemas..." mas também um "peregrino da França", que reviveu a velha canção francesa e cuja obra inteira é um perpetuo louvor da vida; que possui a alegria como um dom natural. Notemos, também, que este poeta "nacional" é extremamente conhecido e apreciado no estrangeiro. Raphael Barquisseau

(Conclui na 10.ª página)

PARIS — Os poetas não pertencem sempre à actualidade, já que falam sobre coisas eternas? Não se confundem com o país, a raça, os sentimentos que eles exaltam e cantam? Simples constatações, estamos tentados a escrever "de fato", quando se trata de um artista como Paul FORT; Em 1920, Fortunés Stowski já dizia "que ele nunca existira": Vou revelar uma grande descoberta que fiz e que é certa. Pretendem que Paul Fort nasceu em Reims em 1872, que começou por criar um Teatro de Arte, que prestou inapreciáveis serviços à literatura e ao pensamento francês... E' possível que um certo Paul Fort tenha vivido e que viva ainda, como lhe desejo. Mas o autor das "Ballades Françaises" nunca viveu. E' um nome místico, assim como o do cego Homero!... Há um génio cantando na terra francesa: esse génio inspira, aqui um pastor, ali um camponio, mais adiante um burguês... e se diversifica conforme a hora, o lugar e o homem. Coleccionadores diligentes recolheram tudo que esse génio inspirou e levaram à casa de um editor que, por sua vez, dividiu a colheita em peixes, isto é, em volumes, pondo-lhe um nome coletivo, de consonancia inteiramente francesa e facil de guardar: Paul Fort! Eis o segredo que entrego aos filosofos do futuro. Isto lhes evitará questionarem sobre o milagre de um tão ingenuo poeta cheio de complicações. Não acreditariam, por certo. Recuariam Paul Fort até os séculos XIV ou XV. E' melhor ser mais categorico. Paul Fort nunca viveu. E' um ente simbolico... O trecho é brilhante, espirituoso e quase veridico, tendo-se em conta que o poeta das "Ballades Françaises" sempre bem vivo (vai entrar nos 78 anos) parece recoberto por uma obra imensa, de ramificações esparsas, e que há nos seus livros com que satisfazer a gloria de vários poetas.

Aos 17 anos, figurava já como "chefe de escola". Na edição definitiva das "Ballades Françaises" e "Chansons de

Paul Fort, o peregrino da França

PIERRE DESCAVES



Paul Fort

France" (Editions Flammarion.) encontramos o 12.º volume sob o titulo de "Vive Patrie", com um prologo de Georges Duhamel, que assinala o ter desejado Paul Fort ser apenas um poeta, submetendo ao seu lirismo quase todos os géneros, num jovial esforço. Dai "uma obra consideravel, ao mesmo tempo homogénea e suave, organizada, cheia de imprevisões imponente no conjunto, saborosa nos detalhes, sempre humanamente bela". Em "Vive Patrie!" encontraremos, em confusão um mostruário prodigioso das diversas feições do estilo do poeta. Numa ronda graciosa e encantadora, lemos baladas brevesas, nantesas, cordalesas, turanginas, lurguinholas, normandas, nivernesas e d'outras, formando um verdadeiro ramalhete das provincias da França.

E ficamos intrigados ao verificar que um cabedal poético tão consideravel não tenha colocado seu autor no primeiro plano das letras francesas. Na sua vigorosa maturidade contenta-se Paul Fort em ser membro da Academia Mallarmé! Não nos esqueçamos de que em 1912, quatrocentos poetas o designaram para seu "principe", no referendun organizado pelo Gil Blas, logo depois da morte de Léon Dierx... Paul Fort ficou sendo o "principe dos poetas". Garridice para não envelhecer! De fato, após 54 anos de exercicio lirico, o magico poderio repetir as confissões dos seus primeiros tempos (o volume inicial das "Ballades Françaises" apareceu em 1860) — "Sou Baco ou Pan? Embrago-me com o espaço; acalmo a minha febre com a frescura das noites, de boca aberta para o céu onde guizalham os astros. Que o céu circule dentro de mim! Que eu me dissolva nele!" Ficou como uma força da natureza, cantando como outros falam. Pois, não quem disse, um dia:

"Meus poemas são as efemérides da minha vida?"

Durante mais de meio século, continuará a escrever suas baladas, como outros escrevem seu diário, mas em versos, muito embora disfarce os versos em prosa!...

Esta questão da forma já fez correr muita tinta! As suas "Ballades Françaises" se apresentam sob um feitiço anfíbio: prosa medida como verso, poesia grafada como a prosa. Tudo isto com uma facilidade aparente e praticamente uma técnica extraordinária! (Paul Fort é inimitavel). Aliás, o poeta já se explicou muitas vezes a respeito dessas disposições métricas para acentuar "a superioridade do ritmo sobre o artificio da prosodia". Na maioria dos casos, suas "Ballades", são um convenio feliz, permitin-

do por em evidencia, alternativamente, os recursos da velha métrica e os que um verso livremente ritmado oferece. "Exactamente, explicava, no fim do século passado eu procurei um estilo que pudesse passar, ao sabor da emoção, da prosa ao verso e do verso á prosa. A prosa ritmada forneceu a transição. "Conhecemos a virtude, a magia desse estilo, no lirismo sentimental da elegia, do romance, da pastoral e da canção. Que importa que esta forma fale mais aos ouvidos... do que aos olhos! Sabíamos como agradou, por exemplo, esta "Ballade" "Se todas as moças do mundo dessem, unidas, as suas mãos em torno do mar, poderiam fazer uma torção". Se por sua vez as "Ballades Françaises" de Paul Fort se dessem as mãos, elas simulariam uma volta em torno da França e do Mundo, pela sua amplitude e variedade. Sob o titulo de "Ballades", coleccionou ela uma porção de élogos, de hinos, de pequenas odes, de idilios antigos e mitológicos, de pequenas epopeias sobre assuntos simples: os amores do poeta, o mar, os campos, a montanha, as flores, as aldeias, as estatuas, as paradas, as picadas no mato, Paris, os deuses e os heróis, de Baco a Jasão! Uns 40 volumes recolhem esses tesouros de poesia e folclore.

De fato, ficamos indecisos entre países cheios de brumas, tão caros a Watteau, onde vive o sorriso de Silvia, entre as "Sept Maisons de Racine" na Ferté Milon, entre Fin d'Oise, Maurecourt, Andrézy, Confian, Sainte-Honorine, "nomes que parecem um simples sussurro, um como badalar de sinos para um casamento". Não resistimos ao prazer de citar o seguinte retrato que Paul Fort traçou á sua maneira:

"Meus olhos, como dois diamantes negros, brilham por

ORSON WELLES FAZ CONFI- DENCIAS A "LETRAS E ARTES"

"MEU SONHO É RETORNAR AO BRASIL, MAS NÃO COMO ASTRO DE
HOLLYWOOD"

Reportagem de LOUIS WIZNITZEL

PARIS — julho (Via "Air France") — É Orson Welles que reina em Paris neste fim de estação. Paris é como uma mulher que tem sempre a necessidade de um domínio estrangeiro. No ano passado foi Curzio Malaparte, de quem se falava tanto mal, que provocava duelos, mas tinha duas peças representadas nos teatros parisienses e cujas obras se esgotavam nas livrarias. Neste ano temos, ao mesmo tempo, a "Macbeth", de Orson Welles no cinema e duas peças de teatro por ele montadas e interpretadas. A publicidade feita em torno do seu nome é enorme. Primeiramente, foram os "potins", depois os ataques declarados e as diatribes envenenadas. As más línguas pretendiam que a razão técnica dos adiantamentos da estréia de uma de suas peças era a embriaguez em que Orson se encontrava todas as tardes e que o impedia de representar... Os jornalistas estão furiosos porque ele se esquivava de conceder entrevistas. As mulheres adoravam-no ou odiam-no. O teatro oficial despreza-lhe o romantismo. Mas Orson Welles está como uma árvore que não cessa de crescer.

Não vou apresentá-lo ao público brasileiro, que já bem o conhece. Mas preciso dizer dos obstáculos com que lutei para encontrar Orson Welles. Antes de tudo, é preciso saber que ele parte de cada três dias, de avião, para os recantos mais diversos e mais longínquos do globo. Depois, como descobrir-lhe a residência em Paris, essa residência de que o artista guarda o mais profundo segredo? Mas quando consegui remover todas as dificuldades, tive a satisfação de ser acolhido com a maior polidez por Orson Welles, que se foi logo queixando das pessoas que costumam abordá-lo, com excessiva familiaridade, batendo-lhe no ventre e exclamando: "Hello, Orson!" — "Não é porque se pagam setenta francos para ver o meu film que alguém passa a ter direito sobre mim" — diz ele. Assim, compreendemos logo a necessidade de ser muito polido e reservado com o grande interprete. Ele não pede senão uma coisa: que o deixem viver e trabalhar em paz.

"SOU, ANTES DE TUDO, UM
HOMEM DO TEATRO"

— Porque montou o senhor peças de teatro?

— Sou antes de tudo um homem de teatro. Faço o cinema em segundo plano. Nas duas peças minhas que se representam em Paris procuro dar uma visão daquilo que me parece ser os felizes e os malditos. "The unthinking Lobster" é uma fábula de Hollywood, digamos uma sátira dos diferentes meios de Hollywood. Eis a história em duas palavras: No estúdio de Zit Cosmic prepara-se um film com uma estrela canadense no papel de uma jovem santa. Mas Deus intervem bruscamente. Uma interprete de ocasião, a secretária do produtor, realiza um verdadeiro milagre. Hollywood treme em suas bases. Um arcebispo, que lembra os juizes de Jeanne d'Arc, acusa de heresia a nova santa. Tudo entrará de novo na ordem, quando o produtor tiver concluído um pacto de neutralidade com um celeste mensageiro. Deus não perturbará mais Hollywood, com a condição de Hollywood não produzir mais filme de caricatura religiosa. Orson Welles conta-me o enredo da peça, lentamente, entre dois whiskies. Sente-se que ele se regozija em exprimir na farsa certos velhos rancores. Hollywood nunca lhe fez inteira justiça. Ele tem muito talento e muita independência de espirito para ser tolerado ali. Por isso mesmo, vem-se refugiando na Europa, na Africa, na America do Sul. O milagre de Orson Welles é que sendo um homem sem cul-

tura, consegue "descobrir" os livros que lemos aos dezolto anos, vendo-se através de um prisma de tempestade, de formas "flamboyantes" e barocas, através de verdadeiros relampagos. Para esse artista, Shakespeare não é "normal"; Victor Hugo não é um autor que todo mundo assimilou há muito tempo; Marlowe não é um autor clássico. Todos lhe exprimem vozes terríveis e atormentadas, que ele compreende e procura transmitir ao publico.

UM NOVO "FAUSTO"

— Que lhe deu a idéia da outra peça, "Faust"?

— Uma frase do drama de Marlowe: "as estrelas continuam o seu curso, o tempo passa, a hora vai soar..." Mas o meu Fausto é pessoal. Aparece, primeiramente, como um príncipe da sabedoria em todo o inebriamento da Renascença. Encontra Lucifer, que lhe diz terríveis palavras de Satan miltoniano, e é acompanhado por um côro de três negras, das quais a mais bela é sua Helena, sua Margarida. A musica, que Duke Ellington escreveu especialmente para mim, dá à peça uma atmosfera de misterioso encantamento.



Orson Welles

O ESTADO DE GRAÇA E A
DANAÇÃO

— Qual a significação filosófica dessas duas peças?

— O céu e o Inferno existem em nós mesmos: cada ser humano traz na alma um estado de graça ou um estado de danação.

— E acha que podemos escapar ao nosso destino se tomarmos consciência disso?

— Não; somos atraídos sempre por ele. Nosso destino é feito para nós, á nossa imagem e semelhança. Os danados não serão salvos; os bem-aventurados não podem perder-se.

— Assim, acredita que Harry Lime, o terceiro homem, será salvo, apesar dos seus crimes?

— Sim, como Fausto se salvou. O diabo é quem paga o tributo do pacto. Harry Lime é fiel a si mesmo, fiel ao seu amigo. E isso é um valor concreto, verdadeiro. A justiça não passa de uma abstração.

"QUERIA PERCORRER O
BRASIL."

— Conta retornar breve aos Estados Unidos?

— Não sou muito bem visto ali... Um correspondente de um jornal americano, que enviou para a sua folha, na semana passada, um telegrama

que devia interessa-lo a meu respeito, recebeu esta resposta: "Don't file unless someone shoots Orson", o que quer dizer: "Só mande telegrama sobre Orson se o matarem". E o senhor vê que estou passando bem, apesar disso. Meu sonho é retornar ao Brasil, mas não como um astro de Hollywood. Queria percorrer o Brasil, entrar em contacto íntimo com o povo, estudá-lo, impregnar-me dos ritmos, das côres, dos sofrimentos do país e ali trabalhar, sim, mas tranqullo e livremente.

O SUCESSO DO CINEMA
MUDO

— Qual a sua ultima descoberta?

— Uma jovem cantora negra que representa comigo no "Fausto" e pela qual, á ultima hora, modifiquei todo o meu programa de ensaios. Chama-se Eartha Kitt.

— Pensa que a grande época do cinema tenha terminado?

— No tempo do cinema mudo — explica Orson Welles — havia melhores filmes do que hoje por uma razão: nesse tempo um filme era o produto de um unico homem. Este escrevia o argumento, os dialogos, representava, montava, concebia todo o filme como uma obra de arte, como um livro ou uma tela. E, difficilmente, uma obra de arte pode vir a ser o trabalho de várias pessoas. Hoje, o cinema tornou-se uma industria: dez pessoas diferentes fazem e interpretam o filme a seu modo. Em geral, o ator não compreende o autor e o diretor não compreende um nem outro. O diretor é o principal responsável pelos filmes virem sendo tão maus, nestes últimos, anos. São eles, os técnicos especialistas, que fabricam, a bem dizer as películas, tornando-as muito diferentes das intenções do autor. Sem duvida, a sobriedade dos meios dava ao cinema mudo uma intensidade dramática e uma qualidade que este hoje difficilmente poderá ter. Mas a arte barroca também existe; o romantismo vem acumulando seus meios. A musica, o dialogo estão longe de serem nefastos. É preciso saber emprega-los, fazê-los representar os respectivos papéis. Basta, ainda hoje, que haja unidade de direção, para o filme sair bom. É o que eu procuro conseguir, é o que tem conseguido Chaplin.

O EXPRESSIONISMO
ALEMÃO

— Está satisfeito com os filmes que realizou na America?

— Com "Amberzon" e "Citizen Kane" sim. Com os outros não, porque foram terrivelmente modificados. Veja: em "Baby of Shanghai" mal se perceberam os traços da minha autoria...

— Na historia do cinema qual a época que mais o seduz?

— A do expressionismo alemão. Foi a época do verdadeiro cinema. Tíhamos compreendido, então que não estávamos longe das sombras hinesas, no cinema; que havia uma relação permanente entre o que se passa no interior dos personagens e o que se passa em torno deles. O misterio e o instinto entravam em ação.

No filme que não chegou a fazer e que desejava tanto fazer, "O coração das trevas" de Joseph Conrad, no qual pretendia interpretar o obsessante personagem de Kurtz, Orson Welles admira Griffith, Pabst e Eisenstein, invejando-os por terem conseguido praticamente trabalhar sozinhos.

Mas já é tarde. A palestra prolongou-se por mais de uma hora. Orson bebeu varios whiskies e eu também. No dia seguinte acompanho-o ao avião no qual ele parte para Roma, pedindo-me para que diga ao Brasil, por intermedio de "Letras e Artes", o quanto admira o nosso país.



Desenho de YLLEN KERR

MINHA VIDA E MEUS LIVROS

O simples mortais podem nascer em qualquer parte; ninguém se preocupa com isso. Mas para um escritor semelhante detalhe desempenha um grande papel, pois as impressões que se justapõem desde a sua mais tenra infância constituem o tesouro do qual ele se valerá a vida inteira.

O primeiro conselho que eu daria a um romancista é o de atribuir a maior importância ao lugar onde nasceu. Iniciarmos na existência num país que não é o nosso é uma grande infelicidade capaz de acarretar-nos um dano irreparável. Vejam o meu caso, por exemplo.

Nasci nos Estados Unidos, mas desde a idade de três meses meus pais me levaram para o outro lado do Pacífico, num cesto de vime.

Essas circunstâncias particulares foram para mim uma fonte de dificuldades sem número, pois não há maior inconveniente para um escritor do que passar os primeiros anos de vida fora do país natal. Nunca me esquecerei de como me vi embarçada quando tentei, pela primeira vez, publicar alguns pequenos ensaios e narrativas. — "Não nos interessamos pelo que se passa na China" — diziam-me. Enviei o manuscrito do meu primeiro en-

saio a um editor e recebi-o de volta com este comentário: — "Lamentamos muito, mas o público americano não se interessa pelo que se passa na China".

Eis em que situação eu me encontrava: sentindo a necessidade de escrever, mas me dirigindo a um povo de língua inglesa, meu povo que não experimentava nenhuma curiosidade pelo único assunto que eu me sentia capaz de tratar. Remeti, sem grande esperança, meu manuscrito a um agente literário e estou persuadida de que, os numerosos editores aos quais ele se dirigiu e que lhe recusaram o trabalho, nenhum deixou de mencionar, co-

mo objeção principal, a China. Quando, por milagre, o livro acabou por encontrar editor foi certamente que este soube ver para lá das aparências e compreender que não era tanto pelo povo chinês que eu me interessava, mas por seres humanos.

"MEU ESTILO NÃO É BÍBLICO"

Tem-se pretendido ver nos meus livros qualquer coisa de exótico, não somente no conteúdo, como também na forma. Muita gente pretende que eu escrevo em estilo bíblico. Ora, meu estilo não é bíblico; é chinês. Pois, bem entendido, quando escrevo na China, focalizando a paisagem e personagens chineses é a língua chinesa que mentalmente emprego.

Isso me leva a um segundo conselho aos escritores: não cometer jamais o erro de tentar a falar numa língua que não é a sua. Incidi nessa falta imperdoável. Na idade em que saí do meu cesto de vime comecei a aprender falar e aprendi a falar chinês. Os primeiros esforços de meus lábios e da minha língua foram para pronunciar as vogais e as consoantes dessa língua e minhas primeiras frases pronunciadas no idioma do país. Resultado: quando escrevi um livro sobre o povo chinês, a história se me apresenta em chinês e traduzi-a literalmente, à medida que a escrevia em inglês. O torneio das minhas frases, pelo qual tenho sido ora louvada, ora criticada, não é outra coisa senão um idiotismo e agradeço-me duvidar, muitas vezes, de que tais frases estejam ou não em bom inglês.

Se o romancista quiser levar uma vida harmoniosa, importa, antes de tudo, que pertença a um lugar bem definido e descreva o que bem conhece. No entanto, começo a acreditar que não há, em parte alguma, condições de verdadeiro bem estar para o escritor.

A CAUSA DO SER HUMANO

Acabo de ler dois artigos sobre um livro recentemente publicado — o meu, ai de mim! — no qual tentei descrever sucintamente alguns americanos vistos por um estudante chinês. Os personagens que descrevi eu os considerava como pessoas interessantes e simpáticas. Há, antes de tudo, uma dona de pensão muito natural e espontânea, como são, aliás, as donas de pensão; depois, um professor idealista, sensível e sonhador; sua mulher, uma verdadeira cristã e a filha, viva, inteligente, caprichosa, é bibliotecária de uma universidade. Ora, eis como se exprime, com indignação, o crítico: "Farece-me que a autora poderia escolher, para representar seu povo, pessoas de melhor qualidade".

E por outro lado, surge sempre a mesma acusação: "Por que não emprega os seus dons para maior glória da China e da América?". Como se devessemos sempre escrever para glorificar alguma coisa! A única resposta de um escritor que deseja, antes de tudo, e tanto quanto seus dons lhe permitem, ser um verdadeiro artista, pode dar a tais acusações é que jamais colocassem talento a serviço de uma causa, de um partido, de um povo, sejam eles quais forem. A causa única que o escritor deve defender e abraçar é a do ser humano, de qualquer raça, de qualquer parte do mundo, com virtudes ou com vícios. Seu ponto de vista pode ser par-

PEARLBUCK

cial, deformado ou imperfeito, mas o essencial será conservar-se o escritor um verdadeiro artista, descrevendo apenas o que viu e experimentou. Não há para ele outras diretivas a seguir, nem outras causas a servir.

OS PERSONAGENS E A VIDA REAL

Receio muito, porém, que os meus conselhos resultem perfeitamente inúteis. Pois o certo é que o escritor nunca pertence inteiramente ao mundo, seja qual for o seu país natal. Não podemos acreditá-lo também unicamente humano. Pertence ele até certo ponto a uma outra esfera, está um pouco a margem do humano. Passa uma grande parte da existência na companhia de seres de carne e de sangue, que são, para ele, muito mais que o e o sangue, personagens que vivem nos seus romances e lhe fazem as vezes de verdadeiros companheiros. E porque o escritor coexiste

em dois mundos diferentes e nunca vivendo completamente num ou no outro, não pertence também de todo a este planeta, e, em, no entanto, jamais dele poder abstrair-se. Daí a dificuldade para responder as questões que lhe formulam sobre o seu trabalho: questões bizarras, dúbias e precisas.

Perguntam-lhe, por exemplo: "Tira o senhor seus personagens da vida real?" Que poderá responder a isso? O escritor compreende muito bem onde querem chegar com tal pergunta. Quem diz: "O senhor criou tal ou qual personagem, modelando-o ou o dr. Z?"

Pois bem: não é nem um outro. O personagem criado não é ser copiado da realidade, pois como poderíamos fazê-lo entrar vivo no mundo da ficção? Um romance não é um acontecimento, um acidente geográfico, nem pode conter algo de tão grande como um ser real. Cada personagem deve ser reduzido a uma certa escala, procedendo-se à sua eliminação, de maneira a

integrar-se num mundo imaginário.

Evidentemente, a maior parte dos personagens de um romance devem sua existência às impressões do autor, a pequenas cenas às quais ele assistiu. O fato, por exemplo, de certa mulher ter o hábito de apoiar de certa maneira a cabeça sobre a mão pode sugerir ao autor um personagem feminino que tenha esse gesto. E o romancista pode ir mesmo a ponto de dar a essa mulher imaginária os olhos, os cabelos ou atitudes pertencentes ao modelo. Mas não creio que ele reproduza jamais, exatamente, um ser vivo ou uma situação real.

A imaginação, as emoções, as necessidades particulares suscitadas pelo desenvolvimento do livro, obrigam-no a deformar e depois a reformar tudo que ele pediu de empréstimo ao mundo que o circunda. E, entretanto, é certo que mesmo os seres imaginários possuem suas raízes na vida real, pois um romancista não pode partir do nada, da mesma forma que um homem nunca tendo ouvido o som de uma nota não poderia inventar uma música.

O ROMANCISTA E A CRÍTICA

E que é o real, afinal de contas? Nada, em todo caso, do que permanece fora de nós. Vivi no meio das circunstâncias mais extraordinárias. Assisti cataclismos, como a fome, inundações, dramas como a guerra, a revolta, a opressão. Realizei longas viagens em carro de boi, cavalo e avião. Mas tudo isso não possui outro interesse senão o das reações do ser ao qual tais coisas acontecem. O verdadeiro drama, a única coisa verdadeiramente apaixonante é o que se passa no coração e no espírito do ser humano. E isso nos leva a questão, velha como o mundo, de saber se um ruído existe se ninguém o percebe. Poderia acontecer alguma coisa que não fesse a alguém? Para um romancista a resposta é não.

Existe ainda uma qualidade que deverá possuir o futuro romancista ao qual eu me dirijo: um coração disposto a tudo. Não deve ele recear ninguém nem preocupar-se com a opinião dos outros. Experimentar simpatia pelos seus semelhantes, isso sim cada ser humano deve despertar-lhe um interesse particular. O romancista, mais do que qualquer outro, tem o dever de curvar-se sobre a humanidade, mas nunca permitir que qualquer ser humano o dirija em sua carreira. E acima de tudo, deve procurar agradar a si mesmo. Não preocupar-se em satisfazer nem mesmo aos críticos... Sim, nem mesmo aos críticos.

O MUNDO DO ARTISTA

Sou obrigada a confessar, com meu próprio espanto, que nunca experimentei o medo da crítica com a intensidade com que parecem sentir os escritores estranhos. Revejo, ainda hoje, a amiga bem intencionada que, no início da minha carreira, entrou, certa vez, pelo meu gabinete de trabalho, com um jornal na mão, dizendo-me, num ar cheio de consideração:

— Não vá você pensar que todos os críticos serão como este. Lembre-se de que ele é muito jovem e seus artigos quase sempre baseados em considerações pessoais.

Exatamente o gênero de consolação que os amigos costumam prodigalizar a um autor que aca-

"... quando escrevo na China, focalizando a paisagem e personagens chineses é a língua chinesa que mentalmente emprego"

ba de ser atacado. Revesti-me de coragem e li, sem pestanejar, o artigo em questão que era, realmente, muito severo. Mas ele pouco me atingiu. Pareceu-me já ter ouvido tudo aquilo, aquelas acusações, aquelas refutações e afirmações de um credo pessoal ao qual eu não tinha nenhuma objeção a fazer, mas que também não me atingia.

A verdade me obriga a dizer que há muito poucos críticos capazes de seguir esta regra tão simples, a própria base da crítica literária: inquirir o que o romancista quis fazer e procurar ver se conseguiu fazê-lo. O crítico não tem o direito de dizer: — Não aprecio este livro porque não estou de acordo com os

pontos de vista do autor ou a escolha dos seus personagens... Em outros termos: não gosto da sua ideologia, porque não é a minha. Creio nisto ou naquilo; ele não cre; logo, não tem razão.

Meu último conselho será o seguinte: se o romancista for capaz de exercer outra atividade que a exerce. Mas se, como acontece com a maioria dos meus confrades, não se conformar com qualquer outro "me-tier", a não ser o de escritor, que se lance na carreira com todo o coração, pois uma vida cheia de tesouros o espera.

Sufrerá dez vezes mais do que qualquer mortal; cem vezes mais de certo, do que os outros homens, já que sofrerá, não so-

mente pelo truncamento de sua vida, mas através dela por todos os seres que lhe saírem da imaginação. As fealdades do mundo lhes parecerão, por vezes, impossíveis de suportar-se, já que elas lhes serão mais sensíveis do que a qualquer um outro.

Mas regozijar-se-á com a beleza, como nenhum outro homem poderá fazê-lo. Experimentará maiores alegrias do que qualquer outro. E será sua, só-tier", a não ser o de escritor, que se lance na carreira com todo o coração, pois uma vida cheia de tesouros o espera.



O IDOLO FÉ DOS CHINESES, gravura de LA GALERIE AGREABLE DE MONDE, de Pierre Vander

TRÊS ELEGIAS CHINESES

CAMILO PESSANHA

(O grande poeta português Camilo Pessanha, que passou a vida inteira em Macao, traduziu de maneira magistral oito elegias chinesas, publicadas em 1911 na revista "Descobrimento", Lisboa. Traduzimos três dessas elegias, hoje pouco conhecidas.)

ASCENSÃO AO MIRADOURO DO KIANG —

Uang-Shan-Jen (1472-1528)

ESTE ALTÍSSIMO TORREÃO ABANDONADO FOI OUTRO-TORREÃO CELEBRE. ORNADOS DE DRAGÕES, O FUNDAÇÃO DA DINASTIA HAN, DEFENDIA-O, COMO INULTRA-PASSÁVEL FOSSO, A VIRTUDE DO REI... ERAM SUPERFLUOS OS CIRCUNDANTES CANAIS.

FAZIAM-LHE GUARDA AS PRÓPRIAS TRIBOS BARBÁRRAS. DE QUE SERVIRIAM MURALHAS DE PEDRA?

HOJE, COMO ENTÃO, A MONTANHA ESPLENDE DE REGIA MAJESTADE. ROLAM DO KIANG AS ÁGUAS; E CEU E TERRA CONFUNDEM AS SUAS VOZES OUTONAIAS. DA COMOÇÃO QUE SENTE, ANOMANDO NO ALTO, QUEM PODERIA ORDENAR O POEMA? "PAVILHÃO NOVO, PAVILHÃO NOVO!" — DE PUNGEN-TES MAGOAS MILENÁRIAS...

SÔBRE O TERRAÇO —

Uang-Ling-Hiang (1500)

OS ANTIGOS MORTOS, INVEJELMENTE VEM AINDA AO SEU TERRAÇO ANTIGO... JÁ SOPRA DA NONA LUA O VENTO LAMENTOSO. DE "OS TRÊS RIOS" DEVEIA ESTAR A CHEGAR OS GANSOS DE ARRIBAÇÃO.

COBREM NUVENS A VASTIDÃO DOS DOIS KUANGS. DECLINA PALIDO, O SOL, SÔBRE PANG-LAI. DESTERRADO DA PÁTRIA E SEM NOÍCIAS DELA, PARA ESSAS BANDAS VOLVOU DE CONTINUO OS OLHOS.

SOLEIRA DE

Pien Kung (1500)

DELEITA-ME A SOLIDÃO DESTA CHOU PANÁ... MAS DOE-ME AO RECORDAR VOZES AMIGAS. SIM, GERME O VERDALHAO... MAS EM PAÍS DE EXÍLIO. CONTURBA-ME A CÔR DA RELVA O CORAÇÃO, QUE [REMOÇA.

DESCE O SOL, EM UM PONTE DE CIRRUS AMARELOS, PASSAM NUVENS SÔBRE O MAR, — QUE É MAIS FERRETE. SEGUNDA LUA... E NA ALGARAVIA DOS GRASNIDOS, OIÇO OS GANSOS DAREM O ALARME P'RA O REGRESSO.



QUANTENKONG, ídolo dos chineses, gravura de LA GALERIE AGREABLE DE MONDE, de Pierre Vander

E' CONVENIENTE que o conhecimento dos "romancistas do Norte" não dê aos portugueses a impressão de que a literatura brasileira de hoje se encaminha toda no sentido de que Jorge Amado e Lins do Rego são os mais notáveis representantes; nem tampouco que a linha da pura intimidade, a feição interiorista, mais sensibilidade e inteligência do que sensualidade e atividade (perdoe-se a grosseria da simplificação), daquelas cuja genealogia intelectual vai entroncar nos Stendhal, nos Constant, no Fromentin, deixou de ter nela representantes de valor. Eis por exemplo este Amanuense Belmiro no qual se encontra uma admirável riqueza romanesca, daquela que fica toda voltada para dentro e para o possível — o romanesco das vidas que se queimam e esgotam na chama da própria intensidade com que sentem e pensam, sem prise sobre a realidade que as cerca, encadadas ao doce tormento do sonhar.

Há livros que não conseguimos ver independentemente do seu autor, que nos "obrigam" a estabelecer uma ligação entre ele e a personagem central: estão neste caso os romances apresentados sob a forma de diário, como aqui, e quando, é claro, as figuras e as coisas nos surgem verossímeis. Verossímil e verdadeiro são palavras de sentido mais diferenciado ainda do que à primeira vista parece;

(Conclusão da 3ª. pág.)

culos do Corão em cartelas ornamentadas de arabescos.

Istambul a Turca adormeceu no passado lendário. Da Bizâncio greco-romana e cristã poucas são as testemunhas: o aqueduto, as muralhas, o castelo das Sete Torres, Santa Sofia, a coluna de Constantino, as ruínas de Blaquernes... Mas, ao lado do que se foi, os taxis businantes fazendo lotação como no Rio, a luz elétrica refletindo-se nas águas históricas do Corno de Ouro e o fononar das motocicletas apagando nas tardes movimentadas o canto sonoro dos muezins no alto dos minaretes, proclamando que Alá é o único Deus e Maomé seu único profeta...

A PRIMEIRA PERGUNTA DO JORNALISTA TURCO FOI SOBRE O NOSSO FUTEBOL

Um jornalista turco entrevistou-me no Hotel Pera Palace, onde me hospedei. Sua primeira pergunta ao Presidente da Academia de Letras do Brasil não foi sobre a nossa literatura, mas sobre o campeonato de futebol no Rio de Janeiro. Verifiquei, assim, mais uma vez, melancolicamente, que o futebol contribui mais para nossa propagação do que as obras de Euclides da Cunha ou Machado de Assis.

O DOLAR, O FUTEBOL E A COCA-COLA, TRES COISAS POPULARES NO MUNDO

Ensinou-me esta viagem ainda que há três coisas absolutamente internacionais, para as quais não há fronteiras nem restrições, nem linhas demarcatórias de qualquer espécie, que interessam a todos os homens em todos os climas e de todas as línguas: o dólar, o futebol e a coca-cola. O diabo dessa bebida é encontrada em toda parte. Bebi Coca-cola gelada além do Bósforo, numa venda turca à beira da estrada, olhando o mar Negro, o Ponto Euxino dos gregos, aquele mesmo mar que os soldados de Xenofonte saudaram do alto das montanhas asiáticas aos berros de Thalassa! Thalassa!... E', na verdade, o cumulo.

UMA VISITA AO LIBANO
Uma visita ao Líbano se impunha. Precisava ver Beirute, a cidade nova e a velha, a mon-

"O AMANUENSE BELMIRO" DE CIRO DOS ANJOS

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

Entre as muitas apreciações da obra de *Ciro dos Anjos*, destacamos a crítica percutiente de Adolfo Casais Monteiro — personalidade de grande destaque da literatura portuguesa contemporânea — que abaixo reproduzimos.

pelo menos quando se trata de criações romanescas. Não importa que o que se passa num romance corresponda ou não a fatos e quem nos é dado como tendo-os vivido, assim como a possibilidade psicológica de uns e outros. Ora, quando o romancista se nos dirige na primeira pessoa, e para mais "finge" um diário, acrescentando-se a isso o talento acima referido, autor e personagem são para nós, por mais que fuja a tentação de o pensar, uma e a mesma pessoa (note-se: podemos porventura evitar pensá-lo, mas não o sentiremos menos.)

Esta intimidade em que nos sentimos comovidos de penetrar, que cremos ser de fato a intimidade de uma existência, eis um elemento de "captação romanesca" que, seja qual for a sua origem, é um poderosíssimo elemento de aproximação entre o leitor e a obra. Acrescente-se a isto a extrema nudez do estilo, a sua admirável sobriedade, a qual uma sutil ironia humaniza constantemente, e

teremos os elementos que me parecem estar na base da excepcional qualidade deste livro. Este "excepcional" não se refere apenas ao romance em si: para lá dele, pretende pôr em relevo o valor, a significação das personagens e dos seus atos.

O Amanuense Belmiro, sendo embora, pela sua intriga, o mais simples dos romances, é dos que alcançam mais fundo, pela justeza, pela profundidade com que *Ciro dos Anjos* põe a nu e mais humano das figuras que

PICASSO BANCA O MATA-MOIOS

Juntamente com Cirillo Modigliani, Picasso morou, nos começos deste século, num pardiello de 3 andares, edificado em forma de triângulo, a que deram o nome de "Bateau-Lavoir". Picasso, que estava de relações quase cortadas com a porteira do "Bateau-Lavoir", usava de vários expedientes para intimidá-la. Um deles era o seguinte: Ao regressar à casa, de noite, em vez de puxar o cordão da campainha, dava três tiros de revolver. Com isto ia continuando no prédio, apesar da demora no pagamento dos alugueres atrasados...

DOLAR, COCA-COLA E FUTEBOL 3 COISAS POPULARES NO MUNDO

tanha dos cedros lendários, onde se erguem as ruínas dos Kraks templários, os castelos feudais que defendiam na época das Cruzadas o caminho das caravanas das especiarias, as colunatas semi-tombadas de Balbek, saída que é a antiga Sidonia punica, e o rochedo onde os fenícios construíram Tiro, um dos tronos de ouro que a humanidade ergueu sobre o mar, no dizer do velho Ruskin.

A GRANDE ESTIMA DOS LIBANESES PELOS BRASILEIROS

Ao ir visar meu passaporte na legação do Líbano em Roma, na via Merulana, o representante daquela nação me recebeu com uma gentileza que de-sejo assinalar. Serviu-me café e declarou-me que os libaneses vivem em tanta segurança e cordialidade no Brasil que a visita dum brasileiro à sua pátria é motivo de grande contentamento. Poucas vezes tenho

tido uma acolhida tão espontaneamente cordial.

NO MUNDO EGIPCIO

A civilização egípcia convidava-me com seus misteriosos e seus maravilhosos museus. Fui ao Cairo e ali, graças a Saladino Fades Bel, meu amigo, chefe dos serviços culturais do Ministério do Exterior, tomei contato com diretores de museus e outras personalidades que me deram notável impressão da cultura egípcia. Além de percorrer toda a cidade do Cairo, que é uma capital moderna, vibrante de progresso, ao lado das mais antigas reliquias do mundo, tive oportunidade de visitar os majestosos monumentos do vale do Nilo e sobretudo os dois magníficos museus da capital do Rei Faruk, o Egípcio e o Árabe, cujo conteúdo de riquezas é, na verdade, indescrevível.

UMA PERGUNTA INDISCRETA A ESFINGE

Do Cairo volvi a Roma em

apresenta, e em primeiro lugar a do autor do diário. E' uma obra em que tudo é qualidade, quer dizer, em que tudo vale principalmente pela escolha, em que não ficaram as aparas, nem as dedadas, mas tão só a linha definitiva. E' uma obra chela de gravidade, a presença da qual não é contraditória com a ironia já observada. A gravidade a que me refiro é a do homem cujas reflexões sobre a vida se desenvolvem em função de uma profunda consciência do valor e da responsabilidade dos atos humanos.

O Amanuense Belmiro podia ser de fato um diário do que se passou durante um ano na vida de quem o escreveu, que o seu valor como arte não seria por tal diminuído: na verdade, um diário assim é de qualquer maneira numa obra de arte, pois que não nos são contados todos os atos nem todos os pensamentos de Belmiro, nem tampouco os das figuras que rodeiam a de Belmiro. Tal escolha é arte — é uma das facetas da arte do romancista.

O Diário, de Amiel, não é uma obra de arte precisamente por ser um caos, um amontoado de pensamentos e de observações de toda a espécie. Mas são arte os Souvenirs d'égotisme, de Stendhal. Imaginário ou real, eis pois o que não tem importância saber-se acerca do diário de Belmiro. O romancista que nos faz esquecer estar fingindo não é mais nem menos artista do que outro que motivadamente cremos ter transposto para a sua obra cenas que realmente foram vividas, personagens que realmente existiram. Tanta arte é necessária para erguer perante os nossos olhos um Belmiro, um Florêncio, uma Jan-dira, um Silvano imaginários, como para os imitar de um modelo que se tem sob os olhos.

E com isto pouco disse do livro. E' curioso: talvez dissesse pouco por uma espécie de pudor em tocar naquela atmosfera tão viva, tão recatada, tão íntima — em quebrar com palavras importunas uma melodia como raramente se encontra num romance, um bafo de vida a tal ponto real que desperta imediatamente tudo o que há de mais íntimo e secreto em cada um. Oxalá livro tão sutil encontre compreensão: eu gostaria de o ver lido entre nós, pelo menos pelo happy few, para repetir a designação de Stendhal, com o qual o espírito de *Ciro dos Anjos* não deixa de ser aparentado, e cujos ferventes não poderão deixar de o ser deste Amanuense Belmiro.

baixadas e legações. Há quem considere a diplomacia uma sincura regada a champagne. Todavia, na verdade, o que é é uma linha de frente da defesa nacional, um serviço de vigilância ativa e nem sempre sem perigos, que os poderes públicos esquecem; não municiam convenientemente e não prestariam muitas vezes como deveriam.

Em Lisboa, o Embaixador Gracioso desfruta uma situação prestigiosa devida ao seu conhecido savoir faire. E' um diplomata à inglesa, de uma descrição notável. Rubens Ferreira de Melo, em Madrid, restabeleceu com brilho as nossas relações quase interrompidas e está levando por diante um trabalho de grande embaixador. Em Roma, o embaixador Alves de Souza ultima admiravelmente o acordo sobre imigração, que nos será grandemente proveitoso. Junto ao Vaticano, temos como representante um diplomata da tradição de Rio Branco, Castelo Branco Clark, que é um grande espírito aliado a um grande coração. Nossos Ministros em Atenas e Beirute Hedefonso Falcão e Thompson Flores, tão longe da pátria que parecem exilados, gozam de ótima situação. O primeiro está, como velho jornalista que foi e homem de letras que é, identificado com a cultura grega, acompanhando passo a passo sua evolução atual. No Cairo, meu amigo Temístocles Graça Aranha, herdeiro do grande nome paterno, conforme tive ocasião de verificar, dispõe das mais prestigiosas relações, conhece admiravelmente a política internacional do Oriente e prepara admirável acordo cultural entre o Brasil e o Egito.

O ALTO PAPEL DESEMPENHADO PELOS DIPLOMATAS BRASILEIROS

"Não posso — adianta o nosso entrevistado — e não devo terminar minha entrevista sem uma palavra sobre os diplomatas brasileiros que encontram pelo caminho, tanto nos países católicos como in partibus infidelium, à testa de nossas em-

Grande liquidação de livros

Devido a mudança de ramo de negócio, vendemos abaixo do custo livros sobre Brasil, história, sociologia e etc., em francês, italiano e nacionais —

APROVEITEM A OCASIÃO

PRAÇA TIRADENTES, N.º 51

Eis tudo — conclui o sr. Gustavo Barroso — quanto me é possível com a rapidez jornalística da vida de hoje dizer sobre essa longa viagem na distancia do espaço e curtíssima na distancia do tempo, pois que o avião nos permite tornar próximas as regiões mais afastadas. O nosso mundo é um mundo em que se vive demais em pouco tempo.



PANORAMA LITERARIO



O sr. Cristiano Machado e o problema do livro

No seu admirável discurso por ocasião da Convenção do PSD em Curitiba, o sr. Cristiano Machado, visionando alguns problemas básicos do Brasil, destacou a indústria papelaria à qual o governo "deve consagrar um pensamento que exceda à pura conceituação econômica, já que de tal indústria depende o livro, esses grandes instrumentos de cultura". Revelou, assim, S. Exa. uma preocupação condizente, não apenas com sua alta visão política, mas com a qualidade intelectual, de homem extremamente culto para quem as coisas do espírito merecem sempre um lugar de relevância. Uma produção de papel capaz de permitir-nos fazer livros mais numerosos e mais acessíveis



s camadas mais modestas do nosso povo, eis o que nos promete o candidato pessadista. É um aspecto do programa do sr. Cristiano Machado, merecedor do apoio e da simpatia dos intelectuais.

Ultimas edições

"Os filhos não têm culpa" é o título do último romance de Antonio Pousada — história de emigrantes portugueses, que vieram tentar fortuna no Brasil e aqui foram mal sucedidos.

Na coleção Rosa, da Editora Saraiva, destinada à juventude feminina, acaba de aparecer mais um volume: "Alma de heroína", de Bette Allan, traduzido por Nair Lacerda.

Escritor finlandês traduzido para o nosso idioma

Em cuidadosa tradução, de José Geraldo Vieira, acaba de aparecer, editado pela Gráfica Editora Brasileira Limitada, de São Paulo, o romance "O Egipcio", de autoria do escritor finlandês Mika Waltari. De leitura agradável e atraente, este romance, de mais de seiscentas páginas e em bela apresentação gráfica, vem de ser distribuído como Livro do Mês daquela editora bandeirante.

"Revista Branca" em Portugal

Os suplementos literários do "Diário de Lisboa" e do "1.º de Janeiro", prestigiosos órgãos da imprensa portuguesa, noticiando os n.º 9 e 10 de "Revista Branca": "Recebemos o n.º IX de "Revista Branca", que se edita no Brasil, e de que é diretor Saldanha Coelho. O título é igual ao da célebre publicação francesa, em que Gide, Blum e outros publicaram as suas primícias literárias. A do outro lado do Atlântico, densa de cultura e dando projeção aos novos, sobretudo contistas e romancistas, mantém um elevado nível intelectual. Mas adiante há uma alusão elogiosa ao conto do diretor da revista. "Diário de Lisboa". "Esta excelente revista literária brasileira, de publicação bimestral, contém no seu n.º 10 uma série de estudos sobre Joaquim Nabuco, um deles notável, da autoria de Gilto Freyre" — 1.º de janeiro.

"Manhãs de S. Lourenço", o último livro de Alceu Amoroso Lima

"Manhãs de São Lourenço" é o novo livro de Alceu Amoroso Lima, obra escrita numa velha fazenda do Estado do Rio, onde o autor esteve, durante algum tempo, como hóspede de um velho amigo ao qual o dedica. Nenhum deixará de interessar-se pelo tom ameno, e, ao mesmo tempo profundo desse trabalho, em que o pensador de "Idade, tempo e sexo", revela, mais uma vez, suas qualidades, de escritor e filósofo, sempre sequioso de harmonia e enteandimento entre os homens.

Anuário Crítico de Literatura

Organizado por Haroldo Bruno e tendo no Conselho Fiscal os críticos e ensaístas Alvaro Lins, Augusto Meyer, Eugenio Gomes e possivelmente o sr. Tristão de Athayde, que será também convidado, aparecerá em começo de 1951 o ANUARIO CRITICO DE LITERATURA, publicação destinada a divulgar, coordenar e sistematizar as atividades literárias do país. O trabalho constará de três partes, assim discriminadas: "Colaborações, Documentário e Bibliografia".

As editoras, como aos autores que realizam suas próprias edições, roga a direção do ANUARIO CRITICO DE LITERATURA a remessa, para o endereço abaixo, de revistas e livros aparecidos ou a aparecerem até dezembro do corrente ano! Rua Santa Luzia, 732, s/1105 — Rio.

"O homem de duas cabeças"

Deverá aparecer, ainda este ano, com capa de Santa Rosa, e ilustrações de Oswaldo Goeldi e Yllen Kerr, o novo livro de contos de Almeida Fischer, nosso companheiro de "Letras e Artes" e um dos mais expressivos valores da moderna literatura brasileira. Tendo publicado, em 1947, "Horizontes Noturnos", volume de contos que contou com a melhor acolhida por parte de nosso público e da crítica, o jovem escritor reunirá, agora, em sua nova coletânea, cujo título será "O homem de duas cabeças", os seus últimos trabalhos no gênero. Vale acrescentar que alguns desses contos, divulgados em jornais e revistas desta capital, têm assinalado sucesso dos mais significativos em nossos círculos literários, motivo pelo qual sua publicação em livro vem sendo aguardada com geral interesse.



A última hora de Paris

Acaba de chegar a Paris a escritora Raquel de Queiroz.

Ribeiro Couto passou por Paris, a caminho da Escandinávia, onde permanecerá durante as férias.

O último acontecimento da "Salson" deste ano, em Paris, é a exposição Calder, na galeria Maeght.

Jacques Maritain passou algumas semanas em Paris, seguindo logo para os Estados Unidos, onde de há muito reside.

No Rio o poeta Domingos Carvalho da Silva

Encontra-se entre nós, desde ontem, o poeta Domingos Carvalho da Silva, uma das grandes vozes poéticas do Brasil atual. O poeta paulista, que obteve, recentemente, com seu livro "Praia Oculta", o Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras, publicará, dentro em pouco, pela Editora Panorama, seu ensaio "Introdução as poesias completas de Rodrigues de Abreu".



Tolstoi, mau crítico

Grande romancista, extraordinário criador de tipos, Tolstoi revelou, várias vezes, mau gosto crítico. Detestava Shakespeare e Dante. Quando Tchekov publicou a peça "Galvota", hoje tida por uma verdadeira obra prima, o autor de "Ana Karenine" escreveu-lhe uma carta, em que dizia o seguinte: "Sua peça não vale nada; está tão mal escrita quanto os dramas de Ibsen. Você sabe que eu não gosto de Shakespeare, mas o seu teatro é ainda pior que o dele".

Ultimas edições

A excelente coleção Saraiva, que vem afrontando todos os obstáculos da atual crise livreira, apresenta o seu 25.º volume: a obra "No tempo de Paula Nel", série de reportagens retrospectivas e romaneadas sobre o famoso boêmio. O livro obteve, recentemente, o prêmio Carlos de Laet, da Academia Brasileira de Letras.

"O cruzeiro tem cinco estrelas" é o título do novo romance de Fran Martins, escritor cearense que vem revelando grande fecundidade. A obra foi editada pela revista "Clá", no Ceará, merecendo especial destaque o "tour de force" dessas editoras provincianas em afrontarem assim este momento de crise.

"Na alimentação o futuro do Brasil", de Aloisio de Paula, é uma obra de real valor do setor da nutrologia. Apesar do seu caráter técnico, esse trabalho pode ser lido, com proveito por qualquer leitor. Prefácio de Silva Melo.

"Cadernos do Nosso Tempo"

"Poemata", constitui o primeiro volume dos "CADERNOS DO NOSSO TEMPO", série destinada a publicar obras originais ou traduzidas, que se enquadrem numa posição atual de cultura.

Inicialmente trazia a coleção o nome de "CADERNOS DA HORA PRESENTE", o qual foi alterado para o título supra, por já existir uma publicação com o mesmo nome.

Em viagem o escultor Francia Junior



Seguirá neste mês com destino a Itália, o escultor Francia Júnior, figura expressiva da arte plástica brasileira, que há pouco teve a imagem de Cristo, de sua autoria, esculpida em marfim, adquirida pelo governador de São Paulo, que a ofereceu, em nome do Estado Bandeirante, a S. Santidade o Papa, por intermédio de sua esposa, que a levou pessoalmente ao Vaticano. Francia Júnior permanecerá em Roma cerca de dois meses, aproveitando para levar consigo uma placa com inscrições em baixo relevo, para colocar no pedestal de sua imagem.

Uma Enciclopédia do Amor

Por intermédio das Publicações Cibracl, acaba de ser publicada uma "Enciclopédia do Amor", com quase 500 páginas de texto. É uma espécie de tapete mágico sentimental, visitando várias literaturas e centenas de autores diferentes.

"Bando"

De Natal, chega-nos mais um número da revista "Bando", órgão oficial da nova geração potiguar. Com, colaborações de Hello Galvão, Luis da Câmara Cascudo, Raimundo Nonato, Livio Dantas e outros, essa revista merece as simpatias dos nossos círculos culturais pelo esforço que representa, como empreendimento de uma turma de jovens numa provincia.

"Literária", revista de cultura

Já está sendo impressa uma nova revista de cultura brasileira que, com o nome de "Literária", será lançada trimestralmente nesta Capital, secretariada pelo escritor Paulo Mendes Campos. Coloca-se essa nova revista dentro de um rigoroso esquema seletivo, dedicando-se principalmente a divulgar estudos e pequenas antologias poéticas. O critério artístico é que vai informar a organização dos sumários dessa nova publicação, que se propõe a trabalhar pelo aprimoramento da categoria literária em nossas atividades intelectuais.

Uma tese de Afranio Coutinho



Afranio Coutinho, um dos nossos ensaístas mais eruditos e lúcidos, acaba de publicar a tese com que concorreu para o preenchimento da vaga da cadeira de literatura no Colégio Pedro II. "Aspectos da literatura barroca" é o título desse substancioso trabalho, em que o autor evidencia, mais uma vez, a largueza dos seus conhecimentos e a finura da visão crítica. Afranio Coutinho tem por concorrente, entre outros, no referido prêmio o ilustre crítico Alvaro Lins.

As iniciativas generosas de Beatrix Reynal

Na data de hoje, de tanta significação para a França, e os povos livres do mundo, não podemos deixar de lembrar o nome de Beatrix Reynal, uma das maiores figuras da resistência francesa no Brasil. Pela sua fé, sua ação literária e social tornou-se ela digna de nossa estima e admiração. E vem a propósito assinalar o fato dessa grande idealista iniciar nesta data mais uma campanha de significação cívica e humana. É em auxílio dos pequenos mutilados da guerra da França que ela acorre, promovendo em nossas escolas, a exibição de um filme natural, no qual poderemos acompanhar toda a obra de assistência a esses mutilados realizada no castelo de Mernis, na França. Obra de elevado sentido altruísta presidida no referido país, pela baronesa Mallet. Mediante uma contribuição individual mínima, as crianças e o público brasileiro em geral poderão concorrer para tão generosa iniciativa, que põe mais uma vez em relevo, entre nós, o nome de Beatrix Reynal.

"Acto", revista da nova geração portuguesa

Ao que se anuncia, os elementos de maior prestígio da nova geração portuguesa vão lançar muito brevemente uma revista de arte e cultura, cujo título é "Acto". O poeta Antonio Quadro, autor de "Além da Noite", livro conhecido pelas nossas esferas literárias, o ensaísta Orlando Vitorino e os escultores Antonio Duarte e Martins Correia fazem parte desse jornal quinzenal de literatura e arte que está despertando o maior interesse em Portugal.

Jantar íntimo

O poeta Adelino Magalhães reuniu na semana passada, em jantar íntimo, em sua residência de Santa Teresa, um grupo de escritores da nova geração. Lá estiveram Xavier Placer, Dirceu Quintanilha, Paulo Armando, Antonio Fraga, o compositor Diniz, e outros. Convém salientar, a propósito, que Xavier Placer está organizando a bibliografia do discutido autor de "Casos e Impressões".

A "balzaqueana" não foi inventada por Balzac

Segundo pesquisas mais recentes, o famoso tipo da balzaqueana precede a Balzac de uns duzentos anos e é devido a Francisco Quenedo, o poeta espanhol que em seu soneto "A la edad de las mujeres" dá a seguinte definição:

"De quince a veinte es nina; buena moza de veinte a veinticinco, y por la cuenta gentil mujer de veinticinco a treinta. Dichoso aquel que en tal edad la goza!"

Livros da Casa do Estudante do Brasil

A Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil acaba de lançar dois livros do maior interesse. Um deles é "O romance e os seus problemas", de Adolfo Casais Monteiro, o ilustre crítico português, que, nessa obra, estuda problemas romanescos de autores brasileiros como Lucio Cardoso, Cyro dos Anjos, Lins do Rego e outros.

O segundo livro lançado é "Natureza Morta", romance de José Augusto França que se desenrola em pleno coração da Africa, numa plantação de cana. É obra de autêntico romancista.

Romance de Mulher

"O Roteiro do Inferno", romance de Maria Elohem-ger, foi lançado pelo Instituto Progresso Editorial. Romance de conflitos sentimentais e dos dramas familiares, coloca-se naquela linha de crônica da vida da pequena burguesia que consagrou a senhora Leandro Dupré. Em suma, é um excelente romance de mulher, muito bem urdido.

Guerreiro Ramos publica novo livro



Acaba de ser publicado um livro do sociólogo Guerreiro Ramos. "Uma Introdução ao Histórico da Organização Racional do Trabalho". Trata-se de obra pioneira na bibliografia especializada, em que o autor estuda a evolução da tecnologia do trabalho, à luz da sociologia do conhecimento. Ainda este ano, será publicado do prof. Guerreiro Ramos um outro livro, "A Sociologia da Mortalidade Infantil", que focaliza os aspectos econômicos e sociais do problema, bem como a atuação dos órgãos federais de proteção à criança no Brasil.

Correspondência e publicações literárias devem ser endereçadas para Jorge Lacerda, rua República do Peru, 101, apartamento 902

CARTA DE MARIO DE ANDRADE A MANUEL BANDEIRA



Desenho de Mario de Andrade que ilustrava a sua carta

Nesta página, Mario de Andrade oferece uma crítica ao retrato de Manuel Bandeira, feito pelo pintor alemão Maron e que "LETRAS E ARTES" reproduz abaixo



Desenho de Mario de Andrade que ilustrava a sua carta

S. PAULO, 10-IX-31
Manu,
 aproveite uma meia-hora de descanso para conversar com você a respeito do quadro do Manon. (1) O caso desse quadro me interessa especialmente, primeiro pra explicar a minha reviravolta, segundo porque meu alemão de dois centímetros não deu pra eu explicar — bem direito pro Maron os defeitos que achava na obra dele, e ela merece respeito pelo carinho que está se vendo deu pra ela. E ainda, talvez em principal, pelos problemas estéticos que estão no quadro.

Deixo de entrar no problema psicológico de eu entrando pessimista no Salão (de que vim otimista, você sabe), e mornamente passando por tudo numa espécie de descuriosidade fatigada. Vou logo às razões porque o quadro do Maron interessa à primeira vista: Colorido e realismo. O quadro é aparentemente bonito de cor. Mas logo enjoa. Está claro que devia ser assim. O colorido que o Maron deu pra tudo é absolutamente injustificável, puramente de cores bonitas, e com cores bonitas a gente pode fazer um quadro feio. Aquele conjunto de amarelos, alaranjados e verdes violentos da paisagem, com a tonalização cinza-arroxada que é sentimento genérico que se obtém da figura, faz coega. Mas não tem nenhuma criação nem como interpretação da cor do Rio, nem como interioridade, não corresponde por isso a nenhuma verdade nem interior (do artista) nem técnica (do quadro). A exterioridade bonita é mesmo tamanha que provocou aquela observação de não sei quem, de ser o quadro um anúncio de companhia de navegação. Na verdade o colorido é eminentemente Vanity Fair, e outras revistas de finíssimas gravuras coloridas. E' o que de melhor se pode obter em policromias impressas. Corresponde mais à impressão policromica, que a própria reprodução de quadros célebres. E' a realidade da máquina. Repare: o problema da cor do Rio foi completamente abandonado, nem ele foi realista, nem inventou sobre a cor do Rio. Colorido falso quer como criação quer como imitação inventiva. A outra razão pela qual o quadro faz coega é a perfeição extrema da figura, você está parecidíssimo, prodigiosamente parecidíssimo. Como físico e mesmo, confesso, naquela parte em que o físico sempre representa de alguma forma a psicologia do indivíduo. Ele não te interpretou, não deformou você em proveito do quadro nem pela fatalidade duma personalidade interior que faz tudo convergir pra ela quem nem é o caso do Guignard, por exemplo. E' o lado ueril e fotográfico da neue Sachlichkeit, surpreendente de paciência e ninharia. Isso assusta a princípio, depois a gente não se deixa enganar por. A fotografia ninguém atinge com a mão, e reproduz melhor. A pintura terá sempre o seu lado fantasmagórico, o seu lado invenção, o seu lado interpretação, e Maron não deu nada disso, limitando-se a ser uma objetiva que ficou só, por ser pintura, relativamente fiel.

Agora os defeitos: Primeiro é o caso da composição, o quadro está composto na mais detestável tradição, que não foi compreendida por Maron. Lembra imediatamente os processos de Zuloaga e Whistler. Em última análise, esse processo de dividir o quadrado do quadro em mais ou menos dois triângulos, sendo que o que tem a base no baixo do quadro contém o retrato, que fica pois no geral à direita do espectador: esse processo já vem do Renascimento, onde são numerosíssimos os quadros do Santo Tal com o Doador Fulano de Tal. O doador no geral de joelho, em postura de adoração ou rezação. Mas todos estes

se justificam mais ou menos como composição. Primeiro, nos bons quadros desse gênero, sempre a composição dos planos é excelente e nos quadros do Renascimento de que falo, colocar o doador é mesmo uma invenção, não apenas como disposição de planos, mas como composição geral do quadro. Whistler tomava o cuidado de substituir o Santo Tal por uma parede mais ou menos indiferente (retrato de Carlile, retrato da mãe do pintor) de maneira que o retrato, embora sacrificada muito a composição do quadrado, vivia bem. Zuloaga, voltou a melhor composição, substituindo o santo Tal, ou a parede de Whistler, por uma paisagem (allás convém notar que Whistler tomava o cuidado de botar o triângulo do retrato muito maior, que o segundo triângulo, o que permitia centralizar bem a figura e disfarçar a má composição do quadro...), bem, mas a paisagem em Zuloaga era muitas vezes, no gênero de pintura passadista a que ele se dedicava (O quadro-janela), justificável por uma interpretação de cor local, ou intelectual, como é o caso do retrato de Barrés com Toledo (Du Sang, de la Volupté, et de la Mort) no fundo. Justificações associativas, que nada têm que ver com o problema do quadro, mas que era o processo dele e do tempo dele. Ruim mas fatal. Porém não errava totalmente como problema quadro, porque sendo técnico excelente, jamais permitiu que a paisagem sobrelevasse sobre o retrato. Era um quadro, uma música com dois temas, era a composição bitemática, como as fugas, mas os dois temas concertantes entre si. E às vezes admiravelmente concertantes, em

que a paisagem vira interpretativa ou complementar da figura, ou da técnica do pintor, como é nos quadros de Guignard. Ora Maron, servindo-se da composição tradicional desatendeu completamente aos problemas dela. Em vez de dois temas musicais concertantes, o quadro dele tem dois



Desenho de Mario de Andrade que ilustrava a sua carta

assuntos. Um não é mais importante que o outro, e não tem praticamente nenhuma relação com o outro. Na realidade são dois quadros: uma paisagem de Santa Tereza (você morar aí não basta pra justificar isso, porque a paisagem em nada coincide nem psicologicamente, nem literariamente, nem tecnicamente com vo-

cê) e um retrato. Qual é o quadro mais importante? Devia ser você, mas não é. Devido ao colorido, a paisagem sobreleva de muito você, o retrato fica como a sombra que certos pintores passadistas costumam colocar no primeiro plano que os assusta dos quadros, pra destacar o segundo plano luminoso central: lei de centralização, em que Tarsila é tão subtil rainha. E ainda por cima, além de você pelo colorido ficar na sombra, o quadro tem um defeito técnico enorme: os planos estão mal realizados, de forma que o segundo plano (paisagem) avança sobre o primeiro (retrato) e está muito mais na frente que este. Por tudo isso você vê que o Maron, se servindo duma composição tradicional mas que não é natural (natural é o retrato central, Cristo de Tarsila, todo Portinari, o Homem Amarelo, Mussia, Guignard etc. etc.), é puramente artificial, e implica diretamente o problema estético do quadro, não soube compreender o problema, estragou-o mesmo completamente, desequilibrou tudo. Não há quadro. O realismo é pueril. A boniteza é falsificadora (tanto como o é também, e noutro gênero, o retrato de Joanita). (2) E tecnicamente: certa subtilidade de pincelada, enriquecendo as tonalizações dentro de cada forma aparentemente duma cor só (tal barranco, tal folhagem, nada de rica, nada de superiormente inventada. E' superiormente inventada dentro do preto da Estudante Russa, de Anita, é admirável na cara da negra, do painel grande do Di, em que a gradação controla em metal a cara, na epiderme daquele retrato de frente do Gobbi, na camisa do violinista e principalme-

te na epiderme de você, nos dois quadros do Portinari. Você é bem espontaneista no seu critério de julgar as obras de arte: mas não vejo por onde se possa dizer que observações como as que estou fazendo, por derivarem de juízos, são meramente intelectuais. Se lembre que não tem nada na inteligência que primeiro não passe pela sensação. E tudo, sensação como inteligência, se educam, ou melhor; adquirem a valorização da experiência. E' a experiência que ensina a gente a admirar a contribuição neo-romântica do Schmidt e a não p... em público.

E ciao. Preciso ir mais vezes aí no Rio. Voltel com uma vontade danada de trabalhar. Nos esquecemos da capa da Anita! Inda não telefonel pra ela mas imagino que vai ficar danada da vida. Veja si o Paulo traz a capa. Com um abraço pra todos, e outro pra você.
MARIO

1. MARON: Frederico Maron pintor alemão, que residiu e não sei se ainda reside entre nós. Há muitos anos que não tenho a menor notícia dele. Em 1930 ou 1931 fez um retrato meu, que julguel excelente. Quando em 1931 se realizou o famoso Salão, que marcou a entrada dos modernistas nessas exposições anuais, a conselho meu enviou Maron algumas obras suas, entre as quais o meu retrato. Mário veio de São Paulo especialmente para ver o Salão. Acompanhei-o na primeira visita que fez a ele. A impressão que teve do retrato foi ótima, como ele próprio confessa nesta carta. Por isso fiquei muito aborrecido quando, dias depois, soube que os fãs de Portinari, para exaltar o seu ídolo, que também mandara para o Salão um retrato meu, se juntaram em frente do retrato do Maron criticando-o, deprimindo-o, e soube mais, que o Mário fazia coro com eles. Fiquei estupefacto e indignado. Sobre o caso escrevi a Mário, que me respondeu com esta carta, que ainda hoje considero de uma injustiça e de uma estreiteza insígnies. O quadro de Maron não está mais comigo. O artista pediu-me emprestado para enviá-lo a uma exposição em Berlim e nunca mais tive novas do quadro nem do pintor. Por isso não sei que impressão me faria a pintura passados estes dezenove anos. No momento achei-o, como já disse, excelente, e os sapientes argumentos de Mário não só não me convenceram, mas irritaram-me grandemente.

2. JOANITA: Joanita Blank, pintora, outro retrato de Maron enviado àquele Salão. (Notas de Manuel Bandeira).



Retrato a óleo de Manuel Bandeira, por Frederich Maron, cujo trabalho Mario de Andrade discute nesta carta

Paul Fort, o peregrino da França

(Conclusão da 4.ª pág.)

escreveu, apresentando "Vive Patrie", o ultimo volume da nova série: "Viajai pela Europa, pela América, pelo Oriente, por toda a parte em que os focos irradiantes da Aliança francesa propagam as palpitações do coração da França, e ali encontrareis amigos de Paul Fort.

E, assim, vai crescendo a glória deste "amavel companheiro".

"Se todas as moças do mundo quisessem dar-se as mãos, em torno do mar, poderiam fazer uma roda..."

Se todos os jovens do mundo quisessem ser marinheiros, fariam com as suas barcas uma linda ponte por cima das ondas...

"Então poderiam iormar uma ronda em volta do mundo, se todos se dessem as mãos".

Possam as "Ballades Françaises" efetuar por muito tempo essa ronda, criando asas!

UM BOM LIVRO?
Livraria Agir Editora
 Rua México, 98-B

No Petit Trianon

MANHÃS DE S. LOURENÇO

DIOGENES LAERCIO

que o tema do campo é porventura o que mais fortemente se acusa nessa partitura secreta que tentamos em vão decifrar a vida inteira, nessa eterna busca de nós mesmos em que andamos todos empenhados.

Este livro é a expressão dessa nota íntima. O campo é, para mim, um espelho, esse espelho com que certos templos shintoístas, ao que dizem, colocam o homem em face de si mesmo. O campo é, para mim, o diálogo interior, o confessorário verde em que cada árvore e cada palhoça, cada morador e cada animal nos força a ir ao fundo da alma, a dizer toda a verdade, a despir todo o artifício que a vida da cidade vai criando em nós, por mais que procuremos sempre tocar a rocha viva da autenticidade que existe no fundo de cada alma humana.

Esse banho lustral de sinceridade e despojamento é que sinto cada vez que consigo retomar contacto com o silêncio, o isolamento, a simplicidade da vida do campo.

Todo o passado da humanidade nos transmite essa mensagem. Vamos encontrá-la em todas as literaturas, em todas as civilizações. O homem da cidade sonha com o campo, como Tomás Morus, na aurora dos tempos modernos, ou Shakespeare, no mais alto cume da genialidade poética. O homem do campo, ao contrário, só pensa na cidade, só pensa em fugir do campo, em vir para os braços dos polvos tentaculares. Eterna contradição humana!

Estas páginas nada têm, portanto, de singular. Por isso mesmo ouso esperar que encontrem alguma ressonância em tantos espíritos que vêm as cidades tentaculares devorarem, como cancris gigantescos, o organismo de todas as nações e pensam, como eu penso, que só a volta ao campo, só a "descapitalização" da civilização poderá trazer de novo a sociedade a medidas mais humanas e harmoniosas de vida coletiva. Em todo este livro essa tecla é constantemente acentuada. Para que o Brasil possa ser fiel a si mesmo e consiga vencer a trágica apatia que dele se apoderou, sem se deixar colonizar política ou intelectualmente por idéias ou impérios estranhos, precisa antes e acima de tudo abandonar a política errada da concentração litorânea e cidadina e se voltar para o campo, para a fazenda, para a pequena cidade, para a agricultura, para a terra, a velha gleba onde o homem mais facilmente se põe de acordo consigo mesmo.

Estas páginas despretensiosas — escritas ao longo de alguns anos de curtas estadias numa velha fazenda do Estado do Rio, como hospede de um velho amigo a quem as dedico e como compa-

nheiro de um povo bom, bom como o pão e a água, a quem igualmente as consagro, e que tanta coisa me tem ensinado, nessas manhãs, nessas tardes e nessas noites de convívio singelo e humano — estas "manhãs" paradoxais, que também são tardes e noites, não dirão nada ao leitor ávido de originalidade e sensacionalismo. Escrevi-as, entretanto, para você, meu leitor amigo da solidão dos campos, das almas simples dos tropeiros, da vida em sua pureza de fonte. Escrevi-as, antes de tudo, para prolongar, em mim mesmo, a ressonância profunda dessas coisas elementares e essenciais, onde estão as raízes dos mais altos valores da vida e onde Deus habita e a poesia tem a sua casa própria... Rio — Natal de 1948".

A biblioteca de Afrânio Peixoto

A viúva de Afrânio Peixoto, num gesto generoso o bem inspirado, doou à Universidade do Brasil a grande biblioteca do romancista da "Esfinge", que foi também o eminente professor universitário de "Higiene" e de "Medicina Legal", e que esteve toda a vida a serviço de duas escolas da Universidade.

Regresso de Gustavo Barroso

Após dois meses de ausência, acaba de regressar da Europa o sr. Gustavo Barroso, presidente da Academia. A viagem de Gustavo Barroso a Portugal e Espanha foi verdadeiramente triunfal: recebeu êle em Lisboa e Madri homenagens consagradas. Como noticiaram os jornais e informou Julio Dantas, em Lisboa foi êle hospede do Estado, foi condecorado com a mais alta condecoração do país e recebeu na casa ilustre do Duque de Lafões uma excepcional homenagem, na qual falaram numerosos académicos portugueses e esteve presente o alto mundo oficial e mundano. Em Madri, onde é tão admirado e estimado, teve êle também recepção condigna, sendo eleito para a Real Academia Espanhola de História. Sexta-feira reassumiu êle a Presidência da Casa de Machado de Assis, sendo recebido com ênfase e alegria por todos os seus companheiros, que tanto o querem e admiram.

João Luso

A sra. Violeta Alcantara Carneiro fez, na última segunda-feira, na ABI, uma interessante conferência sobre João Luso. Foi uma página comovida de saudade, evocando a figura tão simpática e querida daquele escritor luso-brasileiro, membro correspondente da Academia.

O vagabundo

Segundo conta o "Correio da Manhã", o Prof. Austregesilo, indo hospedar-se recentemente num hotel do interior, deixou o gerente da casa numa grande perplexidade. "Recolhido à vida privada, depois de gloriosa luta de longos anos, no professorado e no exercício da clínica, o professor Antonio Austregesilo, quando lhe indagaram recentemente a profissão, num hotel em que se hospedou por alguns dias, hesitou. Quem estaria realmente encarnado na sua radiante velhice? O professor? O académico? O boníssimo médico a quem tantos deviam no Brasil a saúde e a vida? Não lhe satisfizes qualquer dessas qualificações, e o mestre de tantas gerações escreveu, na ficha do hotel, diante da palavra profissão: "vagabundo".

Não está, todavia, no registro das atividades públicas e particulares essa profissão consignada. Nem a conhece o censo demográfico. Ficou perplexo o homem do hotel, até que soubesse quem se encobria atrás daquela quase alheiosia do ilustre mestre consigo mesmo".

Austregesilo — vagabundo! Que dinâmica, singular e gloriosa vagabundagem!

O arquivo de Alfredo Pujol

O Cel. Adir Guimarães, que possui uma grande, rica e bela biblioteca dedicada à Academia e aos académicos — com livros, autógrafos e documentos relacionados com a vida da Casa de Machado de Assis — acaba de fazer em S. Paulo uma aquisição importante: comprou o arquivo particular de Alfredo Pujol. E nesse arquivo, além de documentos e originais do mais palpitante interesse, há uma admirável e rara coleção de cartas dos mais eminentes membros da Academia. Uma riqueza, o arquivo adquirido pelo cel. Adir Guimarães — e uma preciosidade.

Rebello Gonçalves — sócio correspondente

Foi eleito sócio correspondente, do quadro português da Academia, na vaga de João Luso, o eminente filólogo lusitano Rebello Gonçalves.

Almoço académico na Retoria

O sr. Pedro Calmon, Reitor da Universidade do Brasil, reuniu em belo almoço, terça-feira, na Retoria do Imperial Palácio Universitário da Praia Vermelha, um grupo de intelectuais e professores em torno de André Maurois.

membro correspondente da Academia. Dada a espiritualidade e a graça tão fina e subtil de que o Reitor cercou, nesse ágape cordial, a figura de André Maurois e sua senhora, o almoço de terça-feira, que contou com a presença de alguns membros da Academia, teve um ar académico, sorrindo decerto ao secreto desejo dos professores universitários presentes que justamente sonham com uma poltrona no Petit Trianon.

Centenário de Guerra Junqueiro

Passa este ano o centenário de Guerra Junqueiro. A Academia vai celebrá-lo condignamente, devendo fazer uma conferência sobre o autor de "Os simples" o académico Carneiro Lefo.

Do sr. Júlio Dantas recebeu o sr. Peregrino Junior, a propósito, a seguinte carta: "Meu querido Presidente e amigo: Volto a incomodá-lo. Escrevi-lhe há dois ou três dias para lhe agradecer a mensagem desvanecedora e honradíssima da Academia Brasileira. Já hoje lhe venho pedir um favor. Constituiu-se uma Comissão nacional, a que presido (estas coisas caem-me sempre sobre os ombros), para organizar as comemorações do centenário de Guerra Junqueiro, que passa no dia 15 de Setembro próximo. A par da Comissão organizadora, há uma Comissão de honra, a que presidirá o Chefe do Estado, e na qual me seria por todos os motivos grato incluir o presidente da gloriosa Academia Brasileira de Letras. Quer a sua grande bondade, meu querido Presidente, autorizar a fazê-lo? Junqueiro pertenceu também, como académico correspondente, à Casa de Machado de Assis, — e orgulhava-se disso. Um grande abraço e as mais afetuosas lembranças a todos os nossos amigos. Velho admirador e amigo ex-corde, Julio Dantas"

CORREIO DA FRANÇA

TEM-SE verificado, ultimamente, na imprensa parisiense, certa ofensiva contra a censura teatral e cinematográfica. Claude Mauriac ataca, rudemente, "Censure de la censure", no "Figaro Littéraire".

Os jornais passam a anunciar de novo os livros de Henri Beraud, nome até aqui condenado, no âmbito pela triste legenda de colaboracionismo.

No recente congresso de escritores católicos em Roma, Paul Claudel falou sobre o humanismo e a graça. Os jornais franceses destacam esta frase de sua tese. "Se o humanismo e próprio do homem, poder-se-á dizer que o leninismo e próprio do leão, o serpentismo da serpente. O que é próprio do homem é ser êle a imagem de Deus"

Acaba de aparecer uma "Vie de Vidocq", de Jean Savant. Vidocq o burguês, que depois se tornou agente de policia serviu de modelo para o famoso Vautrin, de Balzac. Dizem, mesmo, que Balzac o conheceu, pessoalmente.

Interrogado numa "enquête" sobre o que pensava da televisão, o advogado e escritor Maurice Garçon limitou-se a responder: "— Não gosto de ser incomodado em casa".

O romancista Philippe Hériat confessa que para evitar o rumor do rádio, costumava trabalhar à noite, entre as vinte e duas horas e as cinco da manhã.

POR QUE ME RECUSO A ASSINAR O "APELO DE ESTOCOLMO"!

FRANÇOIS Mauriac, grande espírito da França contemporânea, cuja dignidade intelectual e moral está acima de qualquer discussão recusou-se a assinar o "Apelo de Estocolmo" contra o emprego da bomba atômica, por este ser encabeçado pelos comunistas. E em belo artigo, recentemente publicado, explicou com justiça e vigor sua atitude:

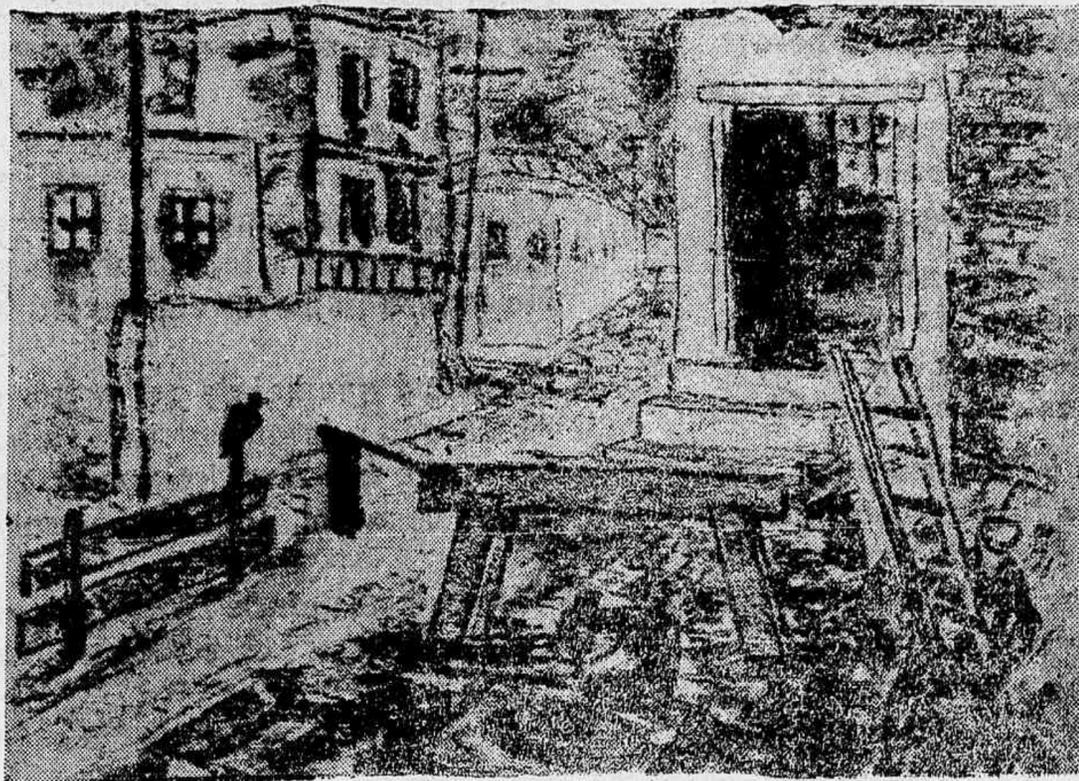
"Por que me recuso a assinar o "Apelo de Estocolmo"? Por que sou pela paz e o "Apelo de Estocolmo" é uma arma de guerra fria. Como é que não compreendéis isto, vós todos que não sois nem negos nem cúmplices? Existe ou não essa potência desumana, cujo objetivo é acabar com o homem nascido cristão? E se existe achais que é possível a gente se entender com ela, a propósito da supressão da bomba atômica? Se acreditais, dizime francamente e ao mesmo tempo, apontai o método. Com que fervor nós vos ouviremos".

NOVA EDIÇÃO DE "IRACEMA"

Inútil fazer novos elogios a "Iracema". Alencar já pertence ao culto de todas as gerações. E o poema-romance do Ceará é, de fato, uma das suas obras-primas. As Edições Melhoramentos que estão editando todo o José de Alencar apresentam, agora, nova tiragem da "Iracema".

PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

Iago Pimentel escreveu, com incontestável habilidade e conhecimento, "Noções de psicologia" aplicadas à educação. Do êxito incomum da obra, publicada pela Melhoramentos, diz bem o fato de, em pouco tempo, se haver esgotado, o que motiva o aparecimento, agora, da sétima edição, revista e atualizada.



Desenho de OSWALDO GOELD.

O ADEUS AO RIO MOSA

(Tradução de
Herculano de Carvalho)



Ilustração de SANTA ROSA

Ó Mosa embalador e doce à minha infância,
Que corres pelo campo aonde ficarás,
Mosa, adeus; dentro em pouco eu serei a distância
Em novas regiões onde não correrás.

Eis o momento de ir a novas regiões:
Travarei a batalha e galgarei torrentes;
Tenho de ir afazer-me a novas profissões,
Tenho de ir começar ali obras diferentes.

E durante êsse tempo, andando sem dar conta,
Manso, tu correrás, romeiro habituado,
Por êste feliz vale onde a relva desponta.
Inesgotável rio, ó Mosa bem amado.

(Um silêncio)

Tu correrás sem fim neste vale, hora a hora;
Por onde ontem passaste, hás-de amanhã passar.
Nunca mais saberás da pastora, que outrora
Com suas mãos brincava, em criança, a cavar
Regueiras pela terra, — aluídas agora.

A pastora se vai, o gado abandonando,
E a fiandeira vai-se, abandonando o fuso.
Eis o momento de ir prá longe de teu curso,
Eis o momento de ir nossas casas deixando.

Ó Mosa inalterável, doce à infância pura,
Mosa, a quem nada diz o humano sofrimento,
Que nem sabes sequer a dor do apartamento,
Tu que andas a correr mas que não partes nunca,
Ó tu, que nada vês de nosso vão cuidado,
Inalterável rio, ó Mosa bem amado.

(Um silêncio)

Quando aqui voltarei, fiar ainda a lã?
Quando as águas verei com que banhas meus êrmos?
Ver-nos-emos ainda? E quando nos veremos?

Mosa que eu amo ainda, ó Mosa que eu amei.
(Um silêncio muito longo)

Ó casa de meu pai, de lareira pequena
Onde, às noites, fiando a lã junto dos meus,
Eu ouvia canções duma antiga Lorena,
O momento chegou de te dizer adeus.

Cada noite, ao acaso, estranha em lares diferentes,
Escutarei canções que não ouvi jamais;
Cada noite, ao sair de batalhas diferentes,
Eu entrarei em lares que não vira jamais.

(Um silêncio)

Casa de pedra forte, onde em breve os que eu amo,
Sabendo que menti e que parti sem mais,
Vão desesperadamente, a chorar meu engano,
Na lareira já morta, orando de joelhos,
Na lareira já morta em que há lugar demais.

Quando é que hei de poder fiar ainda a lã?
Assentada à lareira a ouvir velhas canções;
Quando é que dormirei depois de ter rezado?
Nesta casa fiel, propícia às orações;

Ver-nos-emos ainda? E quando nos veremos?
Ó casa de meu pai, ó meu lar bem amado!

(Fragmento do "Mistério de Joana d'Arc")

CHARLES PEGUY